



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ARTHUR RODRIGUES DE LIMA

**TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA: DA CULTURA ESCOLAR ÀS
REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ**

(1974-1999)

CAMPINA GRANDE-PB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

JUNHO – 2015

ARTHUR RODRIGUES DE LIMA

**TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA: DA CULTURA ESCOLAR ÀS
REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ**

(1974-1999)

Trabalho de conclusão de curso em forma de monografia apresentado ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientadora: Prof^a. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

CAMPINA GRANDE-PB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

JUNHO - 2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732t Lima, Arthur Rodrigues de.

Tecendo os fios da memória [manuscrito] : da cultura escolar às representações históricas da Escola Cenecista São José (1974-1999) / Arthur Rodrigues de Lima. - 2015.

93 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo, Departamento de História".

1. Educação. 2. História. 3. Memória. I. Título.

21. ed. CDD 907.2

ARTHUR RODRIGUES DE LIMA

**TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA: DA CULTURA ESCOLAR ÀS
REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ**

(1974-1999)

Trabalho de conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: Ensino de História

Orientadora: Prof^ª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

Aprovado em: 19/06 2015

BANCA EXAMINADORA

Patrícia Araújo

**Prof^ª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

Regina Coelli Gomes Nascimento

**Examinadora Externa
Prof^ª Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Auricélia Lopes Pereira

**Examinadora Interna
Prof^ª. Dra. Auricélia Lopes Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

Ao professor Valdeci Feliciano Gomes
que me apresentou o amor pela História.

AGRADECIMENTOS

Depois de tanto caminhar é chegado o momento de reconhecer o agir de Deus, aquele que em momento algum me abandonou e deu-me forças durante os momentos mais difíceis da caminhada. Também agradeço a coordenação do curso, ao departamento de História, e aos meus professores, em especial a professora Auricélia Lopes Pereira, que me acompanhou a partir da minha chegada a universidade e por todo o percurso da graduação, desde o PIBID até o PIBIC, elogiando quando tinha que elogiar e dando os puxões de orelhas necessários para que pudesse seguir firme em minha formação; com a senhora aprendi que uma das principais virtudes na vida do docente é a ética e o zelo acadêmico.

Não poderia deixar de agradecer a minha orientadora professora Patrícia Cristina de Aragão, esta me ensinou que um bom professor está sempre em posição de escuta e disposto a dialogar com os alunos. Por seu zelo acadêmico muito obrigado.

Agradeço a Superintendência Estadual da CNEC na pessoa da professora Francisca de Arruda Ramalho, pelo auxílio nas pesquisas e a cada um dos sujeitos por mim entrevistados que possibilitaram este trabalho. Agradeço aos meus colegas de sala, os colegas do PIBID e em especial as minhas amigas e amigos Juliana Falcão, Juliana Almeida, Flávia, Edimar, Viviane Aquino, Ítalo Parreira, Itamara, Leonardo e aos que eu não citei, mas levo em meu coração pela dedicação e carinho.

A banca examinadora, em especial a professora Regina Coelli que se disponibilizou em avaliar este trabalho, pela presteza e zelo acadêmico muito obrigado.

Jamais poderia deixar de agradecer aos meus familiares e amigos. Minha mãe, Maria das Neves, meu pai, Petrônio Evaristo e meu irmão Adilson, pelo apoio e dedicação de sempre, pela certeza de ter em vocês um porto seguro, muito obrigado! Agradeço ao padre Assis Meira, grande sacerdote e amigo como também agradeço aos meus diversos amigos, primos que colaboraram de forma singular para que eu pudesse chegar aqui, em especial meu primo e irmão Felipe Guedes, e minha amiga a quem tenho grande estima Mariceli Moraes, paz e bem.

"Pois a história tem muito para nos dar.
Talvez ela saiba mesmo dar um pouco de
esperança aos que perderam a esperança".

(CHAUNU, 1987, p.105)

RESUMO

Diante das últimas discussões e reflexões no campo de estudos da história das instituições escolares, o presente trabalho visa problematizar a história da Escola Cenecista São José, no distrito de São José da Mata em Campina Grande-PB, a partir do ideal de educação Cenecista. Logo, nosso intuito é perceber as práticas e maneiras de fazer do cotidiano escolar da CNEC São José, como se deu o processo de constituição da cultura escolar da comunidade ali existente e quais as representações construídas em torno deste cotidiano. Portanto nos dedicaremos a análise das entrevistas realizadas com ex-professores, ex-alunos, e ex-funcionários, que faziam o dia-a-dia da vida escolar daquela unidade educacional, tendo consciência de que tais reflexões só se tornaram possíveis no âmbito da história da educação a partir dos anos 90. De acordo com o exposto, nosso objetivo geral é buscar compreender, no contexto da história da educação campinense, a trajetória da CNEC em São José da Mata, a partir da memória docente e discente e da cultura escolar produzida no período de 1974 á 1999, analisando a história da CNEC no contexto da realidade social e educacional de São José da Mata, enfatizando sua importância para a memória histórica da educação campinense, mostrando a partir das narrativas de ex-alunos e de ex-docentes as representações construídas sobre esta escola através da produção da cultura escolar, evidenciando práticas cotidianas do período recortado para estudo e também identificando como, no contexto da História da educação campinense, a partir da realidade histórico social de São José da Mata, emergiu a Escola Cenecista São José e sua importância para compreendermos a educação no município. Nosso trabalho esta aportado numa revisão bibliográfica, em que discutimos o conceito de representações a partir de Chartier (2002), o conceito de disciplinamento em Foucault (1975), o conceito de práticas em Certeau (1998) e também as concepções de cultura escolar a partir de Julia (2001) e Nóvoa (1999), em virtude do trabalho com a história oral temática, recorreremos às contribuições de Freitas (2002) e Nora (1981) para a discussão sobre memória. Também iremos recorrer a outras fontes como relatórios de atividades, fotografias, que de acordo com Lima (2012) configuram-se em importantes fontes históricas, desde que o historiador esteja atento aos usos sociais feitos destas e sua devida problematização, que em muito vieram proporcionar o enriquecimento da pesquisa deste trabalho, buscando analisar as relações entre os sujeitos educativos, a comunidade e a instituição escolar. Dessa forma pretendemos discutir a memória educacional de São José da Mata a partir da Escola Cenecista São José e como esta contribuiu e se configurou como uma experiência singular para a história da educação em Campina Grande devido à dubiedade jurídica da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, sua natureza semiprivada, e sua iniciativa de democratização do ensino secundário em comunidades carentes do interior do país.

Palavras-Chave: Educação. História. Memória. Representação.

ABSTRACT

Faced of latest discussions and reflections in the field of study of the history of educational institutions, this paper aims to problematize the history of the School Cenecista São José, in São José da Mata, district of Campina Grande-PB, from the ideal of education Cenecista. So, our intention is to realize the practices and the ways to make of school routine of the CNEC São José, as it happened the process of constituting the school culture of existing community there and what representations built around this routine. Therefore, we are dedicated to analysis of interviews conducted with former teachers, alumni and former employees, that did the day-to-day of school life of that educational unit, taking consciousness that such reflections only become possible in the context the history of education from the 90s. According to exposed, our overall objective is to seek to understand, in the context of the history of education campinense, the trajectory of CNEC in São José da Mata, starting from memory of teachers and students and of the school culture produced between 1974 and 1999, analyzing the history of CNEC in the context of social and educational reality of São José da Mata, emphasizing its importance to the historical memory of campinense education, showing from the narrative of alumni and former professors the constructed representations about this school through production of culture educational, showing everyday practices of the period studied and also by Identifying how, in the context of the history of campinense education, from the social historical reality of São José da Mata, emerged the School Cenecista São José and its importance it to understand education in the municipality. Our work it is based on a bibliographic review, where we discussed the concept of representations starting from Chartier (2002), the concept of discipline in Foucault (1975), the concept of practices in Certeau (1998) and also the conceptions of school culture From Julia (2001) and Nóvoa (1999), and because of work and thematic oral history, we will use the contributions of Freitas (2002) and Nora (1981) to the discussion about memory. We will also use other sources such as activity reports, photographs, who according to Lima (2012) configure themselves important historical sources, provided that the historian be attentive to the social uses made of these and their due problematization, that has provided the enrichment of the search of this work, seeking analyze the relations between the educational subjects, the community and educational institution. Thus, we intend to discuss the educational memorial of São José da Mata, through of the School Cenecista São José and how it contributed and whether have configured as a unique experience for the history of education in Campina Grande due to the legal dubiousness of the Campaign National for Community Schools, his semi-private nature and its democratization initiative of secondary education in underserved communities in within the country.

Keywords: Education. History. Memory. Representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Inauguração da Wallig.....	47
Figura 2: Atividade quem sou eu?.....	63
Figura 3: Palavra Cruzada sobre a vida de Felipe Tiago Gomes.....	64
Figura 4: Jogo do Labirinto.....	65
Figura 5: Congresso de Educação Comunitária promovido pela CNEC.....	70
Figura 6: Turma de catequese da professora Maria Cecília.....	73
Figura 7: Desfile Cívico, 07 de setembro de 1985.....	77
Figura 8: Aula Extra Santo Antônio.....	79
Figura 9: Abertura dos Jogos Escolares Cenecistas 1991.....	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CGP – Campanha do Ginasiano Pobre

CNEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade

CNEG – Campanha Nacional de Educandários Gratuitos

FAE – Fundo de Apoio a Educação

FECEC – Feira de Ciências da Escola Cenecista São José

FETEC – Feira de Ciências e Tecnologia da Paraíba

FURNe – Fundação Universidade Regional do Nordeste

HISTOGEO – Amostra pedagógica de História e Geografia da Escola Cenecista São José

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OSPB – Organização Social e Política do Brasil

PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado

PNDU – Política Nacional de Desenvolvimento Urbano

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUPLAN – Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado

UDN – União Democrática Nacional

UFPB – Universidade Federal da Paraíba.

USAID - United States Agency for International Development

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. MEMÓRIA E HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO CONTEXTO DA HISTÓRIA CULTURAL DA EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS.....	17
1.1 A ESCRITA ESCOLAR DE SI E A MEMÓRIA DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ CONTADA POR QUEM VIVEU.....	27
1.2 CULTURA ESCOLAR E PRÁTICAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	30
2. HISTÓRIA DA CNEC EM SÃO JOSÉ DA MATA: UMA ABORDAGEM A LUZ DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	34
2.1 ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS.....	45
3. ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ: O COTIDIANO DAS PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE CENECISTA.....	56
3.1 A MEMÓRIA DOCENTE E DISCENTE E A ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ, EM MEIO A RELIGIOSIDADE CATÓLICA.....	65
3.2 A CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ E AS FESTAS ESCOLARES	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	85

INTRODUÇÃO

A historiografia principalmente na segunda metade do século XX atravessou consideráveis transformações no campo da escrita da história e da composição do saber histórico. Foi visto que a História se tratava de uma disciplina dinâmica por meio de sua articulação com outras disciplinas, houve uma virada nas personagens que ocupavam os palcos da hermenêutica histórica, ganhando espaço grupos até então vitimados pelo silêncio historiográfico. Mulheres, crianças, homens ordinários e comuns passam a ser inquiridos em seus diferentes lugares e papéis sociais; já não se tratava de uma historiografia atrelada à esfera da política ou das elites, e sim de uma historiografia preocupada muito mais com uma abordagem cultural das tessituras e urdiduras do cotidiano dos heróis comuns.

É dentro deste contexto que a História da Educação também pode constituir suas intrigas, seus arranjos narrativos a partir de novos questionamentos através da análise de sujeitos até então não abordados por tal historiografia. Os historiadores envolvidos nestas pesquisas, e que há tanto tempo se preocupavam com a análise de documentos e legislações educacionais como se estas fossem detentoras da verdade histórica de dado período, agora passam a se questionar: onde estão os professores, onde estão os alunos e a própria escola na história da educação e nas práticas e maneiras de escolarização? Observa-se um boom de discussões principalmente em torno de temáticas como o tempo e o espaço escolar e a própria cultura constituída e produzida na escola, por seus sujeitos praticantes.

Dessa forma, segundo (Pinheiro, 2012, p.171) essas mudanças de paradigmas epistemológicos “possibilitaram uma enorme dilatação de como e de que forma produzir esses conhecimentos históricos educacionais”. Chegando ao questionamento do que de fato seria, ou como se constituiria a história das instituições escolares, tendo em vista que esta passa a ser compreendida desde então como a história dos sujeitos educativos, bem como, das possíveis relações entre instituições e sujeitos. As discussões neste campo passam a girar na órbita da chamada cultura material e simbólica, ou seja, da análise e problematização das condições de funcionamento, a gramática escolar e a escolarização, a representação e apropriação das aprendizagens. (PINHEIRO, 2012)

Inúmeras reflexões também serão promovidas sobre a polissemia: O que é história das instituições escolares? Sendo esta problematizada em duas perspectivas, a história de uma determinada instituição, como a pesquisa desenvolvida neste trabalho em torno da Escola Cenecista São José, ou a história de um determinado modelo ou conjunto de instituições escolares tais como: o modelo da escola normal, ou a rede CNEC (Campanha Nacional de Escolas da Comunidade) no Brasil, escolas confessionais dentre outros.

Portanto diante de tais implicações, o objetivo geral é analisar a História da CNEC no contexto da realidade social e educativa de São José da Mata enfatizando sua importância para a memória histórica da educação campinense. Mostrar a partir das narrativas de ex-alunos, e ex-docentes as representações construídas sobre esta escola através da produção da cultura escolar evidenciada nas práticas cotidianas do período recortado para estudo. Identificar como no contexto da história da educação campinense a partir da realidade histórico-social de São José da Mata, emergiu a Escola Cenecista e qual a importância e o seu papel para compreensão da educação no município. Também preocupados em analisar as contribuições da unidade educacional para a memória histórico educacional do distrito.

Partindo-se destes princípios que se resolveu discutir a inserção da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade no distrito de São José da Mata em Campina Grande-PB, sabendo-se que tal campanha surgida em Recife na década de 40, tinha como perspectiva, diante das precárias circunstâncias da oferta de ensino secundário público nas zonas interioranas do país, suprir a ausência do estado no atendimento das necessidades educacionais de tais populações. Dessa forma somos obrigados a refletir sobre os personagens que participam desse enredo; será que estão imbuídos de altruísmo e dedicação na luta por um ideal e as condições em que se encontram a educação no país no período em apreço, ou enxergam a campanha como um meio de projeção política, como uma seguradora de recursos públicos?

A partir das implicações históricas da CNEC a nível nacional é que lançaremos nosso olhar sobre a recepção dessa experiência educacional no distrito de São José da Mata, buscando problematizar o envolvimento da comunidade com o processo escolar; no amor á escola provocando assim um cuidado com o patrimônio e tentar desmistificar a relação entre o custo qualidade demonstrando

através dos depoimentos dos remanescentes do período que, apesar de todas as condições precárias a CNEC possibilitou a muitos jovens o acesso a uma Universidade, ou a uma melhor oportunidade de emprego, diante da conjuntura histórica social daquela comunidade.

A escolha deste tema parte da conjectura de que como ex-aluno da CNEC no distrito compreende-se que tal escola faz parte da memória histórica educacional do mesmo, tendo em vista que na década de 70, período de fundação e implantação da escola na comunidade, não havia oportunidade para que os alunos pudessem cursar o ensino secundário em São José da Mata, somente aqueles filhos de famílias com maiores condições econômicas, poderiam se deslocar a Campina Grande para darem continuidade aos seus estudos, portanto tal escola se constituiu em um divisor de águas da realidade educacional do tal distrito neste período.

A pesquisa também busca refletir sobre a dubiedade jurídica da Campanha tendo por norte suas transformações a nível nacional e como estas se procedem na Escola Cenecista São José, pois sabemos que a CNEC possuía em sua fase inicial uma natureza gratuita que posteriormente passa a ser semi gratuita, no sentido de que se configura em uma escola de baixo custo. Em sua fase inicial a campanha não recebia nenhuma ajuda financeira da União ou dos estados. O exercício do magistério já foi inteiramente voluntário, todavia com o crescimento da rede cresceu também a complexidade de geri-la e de ter certo ordenamento administrativo, pois já não se podia viver de improvisos.

Logo este trabalho busca refletir sobre o contexto de fundação da CNEC em São José da Mata e a forte concepção de filantropia ali explorada até o contexto da década de 80 e 90 com a redemocratização e as mudanças no âmbito da legislação educacional a nível nacional, quando os estados são obrigados a ofertarem ensino público do primário ao secundário, tendo a CNEC em certa medida perdido sua razão de ser e adquirido o status de escola privada, aberta a livre concorrência no mercado educacional, realidade vivida pela Escola Cenecista São José, principalmente nos idos dos anos 90.

Este trabalho esta aportado no campo de estudos da História da Educação, dos estudos das instituições escolares e da cultura escolar, em uma vertente da história cultural da educação, diante das pesquisas por nós realizadas no que diz respeito às produções acadêmicas do curso de história, trata-se de um trabalho

pioneiro, em que a CNEC ainda não havia sido problematizada a partir de tal enfoque. Nosso intuito é contribuir para a história da educação em Campina Grande a partir do olhar de São José da Mata e da experiência de ensino desenvolvida pela CNEC naquela comunidade.

Metodologicamente os conceitos instrumentalizados nesta pesquisa giram em torno das discussões promovidas por Chartier (2002) em torno do conceito de representações, de disciplinamento em Foucault (1975), o conceito de práticas em Certeau (1998) e também as concepções de cultura escolar a partir de Julia (2001) e Nóvoa (1999). Perante o trabalho com a fonte oral, especificamente com as técnicas de desenvolvimento da pesquisa na história oral temática, em que o entrevistador questiona o entrevistado a partir de um dado tema, limitando as respostas a um depoimento rico em detalhes e passível de estabelecimento de parâmetros com outros depoimentos, técnica contrária, por exemplo, a que se aplica a história oral de vida, recorreremos às contribuições de Freitas (2002), no que diz respeito a análise e problematização de tais depoimentos.

Para o desenvolvimento desta pesquisa também recorreremos à utilização de fontes primárias sobre a CNEC, como relatórios de atividades, ata de fundação da unidade, memorandos, portarias, disponibilizados pela superintendência estadual da CNEC em João Pessoa, como também pelo arquivo público da terceira região de ensino do estado, na cidade de Campina Grande. Além disso, recorreremos às entrevistas orais com remanescentes da época de fundação e dos anos subsequentes de atividade da escola, buscando problematizar as narrativas de memória ali constituídas em torno do conceito de uma identidade Cenecista apropriada pelos ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários da escola, tendo sido realizadas nove entrevistas.

As fotografias por nós apropriadas enquanto fontes foram provenientes do acervo pessoal dos entrevistados, tendo em vista que não obtivemos acesso aos álbuns da escola que após o seu fechamento em 2008, ficaram sob a guarda de uma ex-funcionária, que não conseguimos a tempo realizar a pesquisa. As fotografias são trazidas enquanto fontes históricas a serem problematizadas, tendo em vista que segundo Lima (2012), configuram-se enquanto produtos culturais sujeitos a diversos usos sociais, que devem ser alvo da pena hermenêutica do historiador no ato da narrativa histórica. Também podemos utilizar recortes

jornalísticos do acervo de um de nossos entrevistados que demonstram um pouco do cotidiano da vida e a cultura escolar exercida e praticada na escola Cenecista São José nos anos de 1980. Além de uma revisão bibliográfica das principais discussões no campo da história das instituições escolares e da cultura escolar.

O nosso trabalho está estruturado em três capítulos em que no capítulo um intitulado: *Memória e história das instituições escolares no contexto da história cultural da educação: representações e práticas*, nos dedicamos a uma reflexão sobre as principais transformações ocorridas no campo da escrita da história no século XX e como estas exerceram suas influências na história da educação nos possibilitando a partir do viés da cultura escolar refletir sobre a Escola Cenecista São José, aportado em diferentes fontes entre elas a fonte oral e sua relação com a memória, arrolada aos seus usos e abusos.

No capítulo dois intitulado: *História da CNEC em São José da Mata: uma abordagem a luz da história da educação* apresentamos um histórico da criação e consolidação da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade a nível nacional, relacionando os ideais educacionais de seus fundadores a uma conjuntura histórica social dos anos 40, ligados ao movimento denominado “*entusiasmo pela educação*”, discorrendo sobre a posterior implantação da Escola Cenecista São José em São José da Mata no ano de 1974, e as transformações ocorridas no distrito a partir da fundação de tal escola, também analisamos o envolvimento da comunidade no processo de implantação da unidade no distrito.

No terceiro e último capítulo intitulado: *Escola Cenecista São José: o cotidiano das práticas na formação de uma identidade cenecista*, refletiu-se sobre as maneiras de fazer dos alunos e professores no cotidiano da escola, como eram organizadas as festas, como se dava a vivência no dia-a-dia da escola, também procurou-se analisar como se deu a influência católica na organização da instituição, sendo fundamental para o ideal de um modelo de escola, ligado as posturas esperadas de alunos, professores e demais funcionários. Que possamos contribuir para a reflexão sobre a cultura educacional do distrito de São José da Mata e de Campina Grande.

1. MEMÓRIA E HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO CONTEXTO DA HISTÓRIA CULTURAL DA EDUCAÇÃO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS.

“Nada do que foi será. De novo do jeito que já foi um dia. Tudo passa tudo sempre passará”.

(Lulu Santos)

Para que hoje possamos dar voz aqueles que durante muito tempo estiveram distantes do discurso histórico e de suas abordagens, e pudéssemos estar falando sobre cultura escolar, sobre instituições escolares não mais por meio de um véis ligado a legislação educacional ou aos documentos oficiais, para que pudéssemos centrar nossas análises nas relações dos sujeitos que encenam o teatro das operações de ensino e aprendizagem, foi fundamental que a historiografia e as maneiras de se escrever a história sofressem consideráveis transformações, logo neste capítulo chama-se a atenção para como essas transformações possibilitaram a capacidade de refletirmos sobre a CNEC e a cultura escolar.

Sabemos que a partir do final de década de 80 podemos observar um vasto crescimento e ampliação das pesquisas no campo dos estudos das instituições escolares, graças às reflexões na essência da nova história cultural, a escola passou a ser analisada a partir de uma ótica até então não priorizada, busca-se então realizar estudos e análises que envolvem a afetividade, as sensibilidades referentes ao cotidiano da escola, objetos que estão para além, daquilo que se apresenta na legislação educacional, nos seus estatutos e leis, que por hora eram priorizados. Dessa forma pretende-se nesse capítulo discorrer sobre as transformações referentes à historiografia no século XX e como estas exerceram seus reflexos no campo da teoria histórico-educacional e no estudo das instituições escolares sob o véis da cultura escolar.

A sirene que toca, e marca o horário de entrar para as salas, a fala da inspetora que indica que os alunos devem se direcionar ao pátio para formação, é hora de cantar o hino antes do início das atividades daquele dia, os alunos que correm pelos corredores, o cheiro da merenda e o barulho das conversas na cozinha, os rumores das salas dos professores e da secretaria, a tensão antes da prova, as diversas maneiras encontradas para colar e burlar as orientações dos professores, cores, sabores, memórias e recordações do cotidiano na escola. Por muito tempo tais elementos não foram frutos de uma abordagem do ponto de vista

histórico e histográfico, e só a partir da aproximação com as ciências sociais, com a linguística e a antropologia que a vida da escola para além da legislação educacional passou a ser problematizada.

Dessa forma visa-se discutir dentro do contexto da história da educação e das reflexões sobre instituições escolares o cotidiano e a cultura escolar da Escola Cenecista São José, escola esta que esteve em atividade desde a década de 70 tendo encerrado seus trabalhos no ano de 2008. Localizada no distrito de São José da Mata em Campina Grande Paraíba, distrito este, atualmente com uma população estimada pelo censo de 2010 em 15 mil habitantes, comunidade de base rural, fundada pelo português José Miguel Leão nos anos 30 do século XX cresceu em torno da Igreja matriz, como muitas outras comunidades no Brasil, todavia foi na década de 70, com a implantação da Escola Cenecista São José que a população do distrito passou a trilhar outros caminhos para além da vida no campo, pelas entrevistas aqui apresentadas perceberemos que o distrito cresceu junto com a escola, ou será que foi a escola que cresceu junto com o distrito? Reflexões a serem problematizadas nestas páginas.

Todavia antes de falarmos sobre o Cenecista e a comunidade de São José da Mata propriamente, é necessário refletirmos sobre a História Cultural e os avanços que esta possibilitou no âmbito das pesquisas histórico-educacionais; a partir disso também nos propomos a discutir sobre o conceito de cultura, quais as abordagens e reflexões em torno de tal conceito atualmente, pois sabemos que a vida da escola embora tenha características próprias está inserida dentro da conjuntura da comunidade, uma exercendo influencia sobre a outra, formando diversos mundos e maneiras de habitar o cotidiano. Portanto passemos a uma breve reflexão sobre as transformações vividas pela historiografia principalmente da segunda metade do século XX e como estas exerceram efeitos diretos sobre a história cultural e a história da educação.

História social, História cultural, História das mentalidades, História política, eis alguns dos inúmeros campos que a história tem atuando atualmente. Desde o século XIX, o dito século da ciência e da história, a historiografia sofreu consideráveis transformações do que compreendemos sobre história e como se dá o processo de elaboração e constituição do conhecimento histórico. Muito tem sido discutido sobre as metodologias de trabalho e fontes de pesquisa para a escrita da

história. Hoje se tem a concepção de acordo com Nora apud Tedesco (2014, p.88) que “a História é a representação sempre problemática e incompleta do que aconteceu”, todavia nem sempre foi assim.

Através do processo de estabelecimento do conhecimento histórico, enquanto um saber científico sobre a influência do positivismo e os postulados da Escola Metódica, dita positivista, no século XIX acreditava-se que o objetivo primordial da escrita da história seria o alcance da verdade, esta verdade aos moldes dos paradigmas das ciências naturais, a física torna-se modelo para o processo de escrita da história, e em meio a este emaranhado teórico era consenso que a história estava presente nos documentos, sendo a concepção de documento muito restrita e associada aos documentos escritos e oficiais.

O historiador era o porta-voz da mensagem presente nos documentos que deveria ser trazida á tona com neutralidade e exatidão, era uma historiografia que privilegiava os grandes fatos, e os ditos vultos e herói da história, neste período, principalmente na França, a partir dos manuais escolares, a história teria a função de atuar no processo de constituição e fortalecimento das identidades, em uma Europa que assistia a consolidação dos estados nacionais.

O principal objeto de estudo da história era o passado que deveria ser reconstituído, ressuscitado¹ através da atividade do historiador, nesta historiografia não havia espaço para as mulheres, as crianças, os camponeses, os negros ou mendigos, era uma história de matriz política e associada à elite, tais postulados ainda perduraram durante muito tempo, e até a década de 60 e 70 muitas de nossas escolas ainda apresentavam um ensino de história aportado em tais indicações. (SAVIANI, 2005)

Porém não é intenção neste trabalho colaborar para uma visão negativada e um julgamento do século XIX, pois é fundamental termos a consciência de que as maneiras de como se escreve a história variam de acordo com o tempo e as diferentes conjunturas em que estamos inseridos, e é necessário salientar que sem os clássicos² não poderíamos estar falando de metodologia, de conhecimento histórico e historiografia nos dias que se seguem, pois como já nos falava Lucien

¹ O termo ressuscitado é aqui apropriado no sentido de deixar claro que para a historiografia do século XIX, assentada no princípio da neutralidade, se acreditava na possibilidade de um resgate do passado tal e qual aconteceu.

² Quando se refere aos clássicos queremos fazer lembrar a produção historiográfica anterior ao século XX.

Febvre apud Borges (1998, p.56) em uma de suas mais famosas citações “toda história é filha de seu tempo”. Mas devido a tais julgamentos a historiografia do século XIX ficou retratada pelo tríplice estigma: História factual, História Política e História Narrativa, visão esta que foi constituída a partir da batalha teórica travada com os membros da Revista dos Annales (BARROS, 2013).

Neste sentido quando se fala do movimento dos Annales há uma forte tendência em colocá-lo em oposição à historiografia profissional do século XIX e a enfatizar suas inovações, particularmente em oposição a todo um paradigma historiográfico que já havia sido lançado pelo iluminismo desde o século XVIII. Fala-se dos Annales como os historiadores da influencia das ciências sociais, das abordagens cultural, demográfica, geográfica, quantitativa e das mentalidades, da ampliação dos documentos, do método regressivo e da história comparada, da História Total, da dialética das durações; essas sem dúvida são contribuições elementares para aquilo que se convencionou chamar na segunda metade do século XX de Nova História, porém não devemos desmerecer estudos relevantes como o de Fustel de Coulanges em *A cidade Antiga*³ (1864), no qual dentro dos referentes da escola Metódica, abordava a cultura, os rituais de casamento e a religião na Grécia Antiga em torno da lógica das cidades-estado, também não querendo desmerecer a postura dos Annales como “um novo padrão historiográfico que iria deixar seus traços definitivos na história da historiografia” (BARROS, 2010, p.04), é preciso deixar claro que aquilo que se apresenta como novo, não é tão novo assim, nem uma novidade é inédita, os Annales não inventaram a roda.

Através do processo de ampliação das fontes e da noção de documento os Annales contribuíram de forma salutar para a historiografia no sentido em que temas que antes não fossem frutos da pena do historiador, passaram a ganhar destaque, por outro lado as abordagens política e econômica em certo sentido passaram a ser menos presentes nas discussões acadêmicas. O que vimos foi uma verdadeira explosão de temáticas associadas à religião, a cultura e aquilo que se convencionou chamar de mentalidades, falava-se do amor, da morte, da sexualidade de uma forma até então não recorrente na historiografia, entre essas temáticas elencadas para o estudo do historiador a escola também se destaca enquanto um espaço de

³ COULANGES, Fustel de. *A cidade Antiga*. Traduzido por Pietro Nasseti. Editora Martin Claret, São Paulo: 2002.

produção do conhecimento e saber histórico e onde a pesquisa pode ser evidenciada.

A aproximação com a antropologia, com a sociologia e as ciências sociais, a chamada virada linguística no século XX contribuíram para a reformulação do saber histórico; quais temas deveriam ser frutos da atividade do historiador? Esta interdisciplinaridade que permitiu ao historiador dialogar com outros campos do saber proporcionaram novas evidências para o campo de estudo das pesquisas históricas, inclusive para o campo da história da educação. O giro linguístico veio questionar “o estatuto de realidade e a apresentar a visão de que tudo é discurso” (BARROS, 2010, p.21), para muitos por meio da aproximação e os diálogos com a linguística a história passou a ser tratada como um discurso dotado, de padrões literários, de singularidades a serem investigadas.

Por meio das diversas reflexões em torno do conceito de história total e suas inúmeras polêmicas sobre em que se consistia tal metodologia, a historiografia também pode se reestruturar no sentido de que a História Total pode significar “História de Tudo”, mas também “História do Todo”, tudo poderia ser pensado historicamente, não apenas pensado, mas problematizado, questionado e investigado, pois como já enunciava Marc Bloch na sua *Apologia da História*: “o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça” (BLOCH, 2002, p.20)

A interdisciplinaridade veio contribuir decisivamente para diferentes reflexões no campo da história, a aproximação com a antropologia aqui já citada, foi para muitos vista como uma verdadeira virada antropológica na década de 70, em que a história cultural passa a assumir uma posição de destaque entre as diversas modalidades historiográficas, porém tal interdisciplinaridade foi alvo de duras críticas por parte de historiadores como o francês François Dosse que segundo (REIS, 2000, p.188)

a interdisciplinaridade renovadora dos primeiros analistas teria sido deturpada e perigosamente exagerada pelos historiadores da *Nouvelle Histoire*, que com isto ameaçavam sacrificar a identidade da história e pulverizavam a produção historiográfica em uma quantidade desconexa de novos objetos e modalidades historiográficas, sem ligação umas com as outras.

Para Dosse apud Reis (2000) o que estava sendo feito era uma verdadeira história em migalhas, como uma forma de tecer ferrenhas observações pela alta

especialização pela qual passava o saber histórico, logo era dever do historiador combater tal hiper-especialização ao mesmo tempo em que recebe estímulos institucionais para aprofundá-la cada vez mais.

Após essa breve reflexão sobre as intensas transformações sofridas pela historiografia no século XX é fundamental também refletirmos sobre a chamada história cultural, e o conceito de cultura, pois foram essas transformações anteriormente referidas que possibilitaram que a abordagem da história cultural ganhasse cada vez mais espaço no campo das reflexões e pesquisas históricas até que no contexto que vai da década de 80 aos anos 90 pudéssemos falar de cultura escolar, cotidiano escolar e inúmeras outras problemáticas que instrumentalizam nossas análises sobre a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) e a antiga Escola Cenecista São José, contudo antes de abordarmos tais reflexões pensemos um pouco sobre o desenvolvimento da chamada história cultural e como esta pode influenciar diretamente no campo da história da educação e das instituições escolares, alvo de nosso trabalho.

É fundamental compreendermos primeiro, que em virtude das inúmeras reflexões ocorridas no século XX o conceito de cultura assumiu uma natureza extremamente polissêmica, para (Barros, 2003, p.145) “o século XX trouxe-lhe novas redefinições e abordagens” em relação ao que pensava o século XIX como um âmbito cultural digno de ser investigado pelos historiadores, a partir das abordagens da história cultural francesa, da história social inglesa e da micro-história italiana, chegou-se a concepção de que devemos pensar a cultura em termos de polifonia, buscar as suas múltiplas vozes, antes silenciadas pela historiografia. Entre as inúmeras definições para a história cultural temos que “é a modalidade historiográfica que se ocupa da alteridade” (BARROS, 2011, p.40).

Hoje já não cabe falar sobre cultura como uma noção totalizante e universal, mas sim em diferentes noções de “cultura” que são construídas historicamente; para se trabalhar a cultura pelo viés histórico deve-se pensá-la como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens e mulheres para segundo Silva apud Pesavento (2010, p.471) “explicar o mundo”, caso contrário pode-se segundo Burke (2005) cair na tentação de superestimar a homogeneidade cultural, reproduzindo visões holísticas sobre a cultura ao ponto de desenvolver abordagens

sem qualquer ligação com a base econômica ou social, sucumbir diante do dito culturalismo.

Sabemos que toda vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura, sendo a História Cultural aqui entendida

no sentido de uma história da cultura que não se limita a analisar apenas a produção cultural literária e artística oficialmente reconhecida que passou a atrair o interesse de historiadores dos mais diversos matizes teóricos desde o último século inclusive no seio da historiografia marxista. (BARROS, 2005, p. 126)

Que as contribuições de Roger Chartier e Michel de Certeau são fundamentais para investir na possibilidade de decifrar normas culturais através do cotidiano e examinar as relações ideológicas no campo das práticas culturais para que não corra o risco de se ater a uma história cultural meramente descritiva. Pois como já enunciava Chartier em suas reflexões sobre as práticas e maneiras de ler “a leitura, enfim, é prática criadora – tão importante quanto o gesto de escritura do livro” (Barros, 2005, p.128). Desta forma, uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção, sendo a recepção, conceito tão caro a Chartier, também uma forma de produção.

Quando nos referimos ao mundo da escola logo imaginamos uma infinidade de normas, códigos de condutas que devem ser seguidos pelos alunos, professores, gestores e demais funcionários, há um currículo, horários de chegada, de saída, intervalo, um calendário de eventos divididos em bimestre, trimestre, semestre, mas tais reflexões provenientes da história cultural relacionada à história da educação nos leva à questionar sobre as diferentes recepções realizadas pelos sujeitos aos quais tais normas e sistemas de disciplinamento são destinados. Para além dos sujeitos e agências que produzem a cultura, estudam-se os meios através dos quais esta se produz e se transmite as práticas e os processos. Pois segundo (Barros, 2005, p.11) a produção de um bem cultural, como um livro ou qualquer outro, está necessariamente inscrita em um universo regido por estes dois pólos que são às práticas e as representações.

Portanto as contribuições de (Chartier, 2002) são fundamentais para que no âmbito da história da educação e das instituições escolares possamos discorrer sobre as práticas culturais presentes no cotidiano da vida da Escola Cenecista São José, nosso olhar estará voltado para as solenidades em torno da figura do fundador

da CNEC, dos momentos cívicos, dos jogos e gincanas, dos conteúdos trabalhados em sala, ou que constam que foram trabalhados nos cadernos escolares e inúmeros outros aspectos que podem ser problematizados a partir das contribuições da História Cultural.

Foucault (1975) mesmo não tendo trabalhado diretamente com a educação, através de suas reflexões sobre os instrumentos de controle e disciplinamento em *Vigiar e Punir* (1975) proporcionou em nossa pesquisa a possibilidade de observarmos os dispositivos panópticos no interior da vida escolar, que é regida e organizada em torno de um programa político curricular de disciplinas e normas que regem a escola, através de suas contribuições podemos sem dúvida alguma, lançarmos um olhar de problematização sobre as relações de poder que se estabelecem entre alunos e professores, alunos entre si e os diversos sujeitos que co-habitam o mundo da escola.

No sentido de enriquecer o debate sobre a cultura enquanto um objeto plural, Michel de Certeau (1998) favorece nossa reflexão no sentido de buscarmos compreender a história cultural como a modalidade que se ocupa do estudo da diferença, portanto sendo tal postulado aplicado ao estudo das instituições escolares podemos sem dúvida tecer análises que vão para além dos dispositivos de disciplinamento de que nos falava Foucault, mas poderemos buscar problematizar as burlas, as táticas e as maneiras de fazer dos diferentes grupos que compõem o corpo vivo da escola em seu cotidiano, as diferentes apropriações dos códigos e normas, dos métodos de avaliações realizadas pelos diferentes sujeitos que são protagonistas de inúmeras práticas culturais no seio da instituição escolar. Tendo consciência de que o mundo moderno impõe que os diversos seres humanos participem simultaneamente de vários grupos, tais reflexões também proporcionam um novo olhar sobre as diversas identidades constituídas no mundo da escola e a sua natureza fluída. Buscando perceber como a cultura informal estabelece lugares de uso situacional e temporário, no âmbito da vida escolar.

Por meio dos inúmeros debates no campo da história cultural e em torno do conceito de cultura já não se fala mais em “cultura”, mas culturas, então devido a essas novas abordagens podemos falar sobre as práticas culturais no interior da escola, abordando a vida escolar por outra vertente não tanto ligada aos dispositivos e leis ou aos projetos de governo relativo à educação, mas sim observarmos de fato

como a vida escolar se desenrola em seu cotidiano. Todavia devemos salientar que o estudo das instituições escolares sob este viés é recente, tendo essas pesquisas ganhado cada vez mais espaço a partir do fim da década de 80 com as discussões e reflexões promovidas por historiadores como Frago (1999), Julia (2001) entre outros circundando o conceito de cultura escolar que discutiremos mais adiante em nosso trabalho.

Dessa forma falemos um pouco sobre os recursos utilizados para nossa pesquisa, pois segundo Dominique Julia “o historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira” (2014), para deixar claro que através da problematização e da metodologia qualquer tema pode ser fruto de uma discussão historiográfica assim como vários elementos, discursivos, imagéticos, etc. podem ser inquiridos enquanto fontes.

No decorrer do trabalho utilizamos para refletir sobre o cotidiano escolar da Escola Cenecista São José, os diários de classe daquela instituição que fazem parte da cultura escolar, buscando perceber quais eram os assuntos trabalhados em sala, as observações dos professores referentes aos alunos, o planejamento das aulas, sendo os diários, importantes fontes para que se problematizados, trazerem á tona aspectos da sala de aula e da organização da escola.

Para além daquilo que contido nos estatutos, normas e demais documentações oficiais da escola como as atas de conselho, que recorreremos ao trabalho com a memória de ex-alunos, docentes e demais funcionários da escola no sentido de buscarmos a partir da problematização de tais narrativas percebermos a conjuntura em que a escola estava inserida no distrito de São José da Mata, suas práticas e representações, para isso compreendemos que “o que é escrito, ordenado, factual nunca é suficiente para abarcar toda a verdade: a vida sempre trasborda de qualquer cálice”. Pasternak apud Freitas, (2002, p.15). Desta forma nossa proposta é buscar compreender como os diferentes sujeitos que co-habitavam o espaço da instituição aqui pesquisada atribuem sentido as suas práticas a partir da constituição de tais narrativas orais. Sendo a História uma das formas mais sublimes de conhecimento por sua capacidade de “conectar presente-passado por meio dos vestígios” (TEDESCO, 2014, p.10).

Logo o historiador se ver preso ante a economia política de significados, que nos falava Benjamim, dando atenção a ambiguidade da memória os filtros e signos

vinculados muitas vezes a chancela do como deveria ter sido e não como realmente foi; narrativas marcadas pela subjetividade e romantismo de como queríamos que fosse, tendo o passado existido somente na afetividade subjetiva (TEDESCO, 2014).

O passado nunca existiu de forma estruturada, a não ser, como experiência, como imaginação e como afetividade contemporaneizada. Portanto principalmente quando tratamos das memórias de ex-alunos e ex-professores é fundamental buscarmos perceber as diversas imagens da escola e do distrito que são edificadas a partir de suas histórias de vida, as marcas de intencionalidade, as recordações e os esquecimentos por meio das dimensões da memória, ou seja, a abordagem social, coletiva e individual, revelando assim uma pluralidade de mundos e tempos sociais que enriquecem a atividade historiográfica e a pesquisa histórica.

1.1 A ESCRITA ESCOLAR DE SI E A MEMÓRIA DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ CONTADA POR QUEM VIVEU.

Mnemosyne a Deusa da memória gera nove musas e enquanto filhas da memória (*Mnemosyne*), estas detêm um poder cuja força, ao mesmo tempo, presentifica e encobre. Elas fazem revelações, *alethéa*, mas colocam os sujeitos diante do *léthe*, do rio do esquecimento. Sem dúvida alguma, estas são duas características fundamentais quando nos referimos ao trabalho com a memória, a lembrança e o esquecimento; ao nos atermos no estudo das instituições escolares percebemos que essas imagens da memória trazidas á tona pela narrativa de professores e alunos nos direcionam para locais ou lugares de memórias revestidos de efeitos de significação e imaginação.

Através do trabalho com a fonte oral temos a oportunidade de reconstruir aspectos de personalidade individuais inscritas na existência coletiva, e também pelo fato das fontes orais dizerem respeito á memória e essa ser um fato individual mediado e moldurado pelas condições do meio; podemos afirmar que a vida cotidiana do mundo da escola vai muito mais além do que provas e a rigidez pedagógica, pois ao narrar uma simples brincadeira de roda no pátio da escola o aluno demonstra as diversas reapropriações do espaço e as representações construídas em torno da instituição escolar. Através da narrativa oral assistimos ao processo de elaboração de representações a partir de vozes antes silenciadas por uma historiografia dita tradicional. São as narrativas de personagens que, na sua

trajetória de vida, socializaram experiências, seja como professores, seja como alunos, no cotidiano social da Escola.

O papel do testemunho como fonte do conhecimento histórico vem sendo fruto de discussão desde a antiguidade, Tucídides, por exemplo, afirmavam que: a memória era frágil e incapaz de garantir fidelidade do relato da realidade, para ele os documentos escritos seriam fundamentais em substituição aos depoimentos orais, muitos historiadores do século XIX diziam que a história só seria possível com documentos escritos o que levou Fébvre a rebater ao dizer: “quando eles existem”. Isso porque, se não os possuímos, devemos ser capazes de “fabricar o mel mesmo na ausência das flores habituais” conforme afirma FÉBVRE apud TEDESCO (2014, p.124)

Portanto as fontes orais e a memória emergiram no campo da história da educação como tendo a capacidade de darem espaço para aqueles que antes eram relegados no campo da escrita da história, todavia é fundamental buscar salientar as limitações e desafios do trabalho com a memória tendo em vista que a fonte oral, por ser viva, é parcial, portanto “o desafio está em delimitar a fronteira entre o descrever e o entender” (Tedesco, 2014, p.125), principalmente que quando falamos sobre entrevistas a minha presença, enquanto entrevistador, as minhas perguntas, pode fazer o entrevistado ver de outro ponto de vista.

Para além das anotações presentes em atas de reunião, diários de classe e o discurso presente no regimento e legislação da escola as reminiscências orais se destacam, pois permitem a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, sobre o espaço-experiência do dia-a-dia da instituição escolar, pontos de vista estes muitas vezes desprezados pelo discurso do poder e por sua vez condenados ao esquecimento. A partir das reminiscências podemos captar o que as pessoas vivenciaram e experimentaram, sendo uma matéria prima para o estudo e reflexão da vida escolar para além das folhas amareladas dos arquivos, a fonte oral e sua ligação com a memória as suas particularidades nos colocam diante da história em movimento.

Retomando uma discussão de Pierre Nora podemos perceber que a memória é o vivido e a história é o elaborado (Nora, 1981), pois a história estará ligada diretamente aos usos e arranjos que o historiador fará do relato de memória, como já nos dizia Paul Ricoueur em uma de suas belas metáforas, o historiador seria

aquele que após uma noite de sono acorda para narrar os seus sonhos (Ricouer, 2012), o vivente que ao fim de um dia ao sentar-se na cadeira de balanço constitui uma narrativa que represente o vívido ou o sonhado como no primeiro caso, a partir de recortes, seleções e intencionalidades ligadas aos diferentes usos que o presente faz do passado. (Félix, 2004) Pois “cada época tem determinadas perguntas ao seu passado – perguntas que refletem os problemas e perplexidades em que o presente se debate” conforme CARDOSO apud FÉLIX (2004, p.25)

Ao trazer as memórias de alunos e professores da antiga Escola Cenecista São José, pretendemos entender como a partir de tais narrativas os sujeitos buscam respostas para experiências vivenciadas hoje, como os alunos manifestam o saudosismo de um tempo que se esvaiu por suas mãos; como os professores tendem a comparar os alunos que habitam as salas de aula atuais e os antigos membros da Família Cenecista; como as motivações para as lembranças e recordações partem do presente, como os recortes e ocultações em tais reminiscências estão relacionados à tênue linha do presente ao passado.

A partir das contribuições pioneiras de Halbwachs frente às diferenças entre história e memória e a ênfase no caráter social da memória podemos perceber que no “ato de lembrar”, nos servimos de “campos de significados” como afirma Barros apud Félix (2004), campos estes que visam criar coesão e o sentimento de identidade, fundamental, por exemplo, quando a memória esteve a serviço da consolidação dos estados nacionais, ou até quando serviu aos interesses escusos dos estados totalitários do século XX, portanto diante desta colocação pretendemos perceber como as narrativas orais de professores e alunos estavam diretamente ligadas aos ideais que moviam o jeito Cenecista de ser e que a Escola Cenecista São José também se viu contemplada; como a idéia de falange Cenecista pode ser disseminada na instituição pesquisada e como tal atividade estava ligada a organização estatutária da rede. Tendo em vista que “a memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade, já que seu suporte é o grupo social” (Félix, 2004, p.40) Portanto pretendemos buscar refletir sobre os inúmeros esforços para a constituição de uma identidade Cenecista, na Escola Cenecista São José a partir das implicações provenientes dos órgãos diretores da rede.

Dentro desta perspectiva, através da metodologia da história oral pretendemos privilegiar a análise das ditas “memórias subterrâneas” (Félix, 2004),

vivenciadas e experienciadas por alunos e professores no cotidiano da sala de aula, revestidas de imaginação e de uma aura simbólica configurando a escola e o espaço escolar enquanto um lugar de memória, sabendo que “a memória pendura-se em lugares, como em acontecimentos” (Nora, 1993, p.25) visando trazer á tona a visão de alunos e professores acerca de suas próprias experiências e dos acontecimentos sociais dos quais participaram.

1.2 CULTURA ESCOLAR E PRÁTICAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.

Recentemente a partir das contribuições e reflexões dos trabalhos de Dominique Julia, André Chervel, Jean Claude Forquim e António Viñao Frago observamos a passos largos a consolidação e a transição de uma história atrelada às políticas e organização do pensamento educacional, para uma história das ditas culturas escolares, sem que, no entanto, tenhamos produzido uma cultura historiográfica e pesquisas de base que dêem suporte a esta passagem. No que diz respeito ao estudo das instituições escolares observamos que as pesquisas tem estado intrinsecamente relacionadas ao estudo das singularidades escolares, passando despercebidas as contribuições que tais estudos podem apresentar para os conhecimentos históricos e a história da educação. Não se pode falar no estudo das instituições escolares sem inserir a explicação e compreensão delas no cerne da totalidade histórica, ou seja, sem estabelecer uma nítida ligação com o contexto social onde tal instituição está encravada. Sabemos que:

A escola é encarada como uma instituição dotada de uma autonomia relativa, como um território intermédio de decisão no domínio educativo, que não se limita a reproduzir as normas e os valores do macro-sistema, mas que também não pode ser exclusivamente investida como um micro-universo dependente do jogo dos atores sociais em presença. (NÓVOA, 1999, p.2)

Principalmente quando estamos diante de práticas sociais sensíveis e inúmeras clivagens arroladas á pluralidade e a diversidade dos empregos materiais ou de códigos partilhados pelos diferentes sujeitos que teatralizam o cotidiano (CHARTIER, 2002). Quando falamos no estudo das instituições escolares e da cultura escolar compreendemos que só a partir dos anos 90 para cá por meio das contribuições da nova história, da história cultural, da sociologia e a sociologia francesa que observamos serem privilegiados, no âmbito da pesquisa histórica

educacional, temas como formação de professores, livros didáticos, disciplinas escolares, currículo, práticas educativas, questões de gênero e infância. A escola passa a ser vista com base em várias perspectivas, tendo a consciência de que as fontes objetos de pesquisa de tais instituições estarão ligadas diretamente a ótica teórica e ética e da política do pesquisador.

Para Buffa (2013) as memórias, histórias de vida (escritas ou orais), livros, cadernos de alunos, discursos em solenidades, atas, jornais de época, almanaques, livros de ouro, correspondência epistolar, relatórios, fotografias e muitas outras fontes encontráveis em arquivos públicos e particulares se tornaram importantíssimas no estudo das instituições escolares e da cultura escolar. Tais fontes passaram a serem instrumentalizadas no sentido de buscarmos compreender a estrutura física, a estrutura administrativa e a estrutura social da escola. (NÓVOA, 1999)

Para além dessas análises a escola será vista como produtora de culturas, e considerada em sua materialidade nos seus vários aspectos. A expressão “cultura escolar” será utilizada como uma categoria abrangente destes estudos. Dominique Julia, muito citado pelos estudiosos da temática, assim define cultura escolar:

A cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhes são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. (JULIA, 2001, p.10)

A perspectiva de Julia (2001) combina a atenção às normas, ao interesse pelas práticas, tentando perceber como professores e alunos traduzem as regras em fazeres expurgando diretrizes que consideram inadequadas. Logo o estudo das culturas escolares vem possibilitar, por exemplo, a reflexão sobre o currículo vivido e as relações estabelecidas no âmbito da sala de aula. Pois para Veiga-Neto (1999) o currículo é um artefato da educação escolarizada. Dessa maneira, assume diferentes sentidos no contexto da escola, porque é vivido, experienciado, é um dos elementos que fazem a escola como ela é. Portanto compreende-se que é no interior da sala de aula que se decide o destino das políticas públicas, pelas resistências oferecidas por professores às mudanças e pelas alterações efetuadas nos padrões de trabalho vigentes.

Dando continuidade as contribuições de Julia (2001), Chervel (2002) irá criticar a idéia de que o saber produzido na escola seria inferior ou derivado dos saberes ditos superiores, como os provenientes da academia. Para ele a escola seria produtora de um saber específico que estendia seus efeitos sobre a sociedade e a cultura em geral, o saber escolar formaria não só os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.

Partindo das reflexões de Frago (2011) entendemos que a força da cultura escolar, a força da escola na produção de representações e práticas se faz presente na vida cotidiana, o nosso modo de organizar as percepções de mundo e de enunciá-las guarda grande relação com os códigos apreendidos na escola, um exemplo claro disso diz respeito ao processo de alfabetização, pois aqueles que dominam a norma culta da língua, reproduzida a partir do saber escolar, com facilidade demarcam socialmente lugares de autoridade; partindo de tais premissas percebemos uma valorização dos saberes produzidos na escola, o que fica claro na defesa de Frago em relação aos professores do ensino básico, no sentido de afirmar que os professores têm muito mais a ensinar aos acadêmicos sobre o dia a dia da instituição escolar do que estes sobre como funciona a escola e o ensino (OLIVEIRA e FARIA FILHO, 2011).

Portanto quando nos referimos ao estudo das instituições escolares não podemos perder de vista a necessidade e a importância de contextualizar a escola a que se pretende estudar, sua integração com a comunidade e a região, como esta se formou e contribuiu para a formação de líderes locais, por exemplo. Seguindo estes postulados, reconstituir historicamente as instituições escolares é conhecer o relacionamento entre o indivíduo com a família, com a classe social e estes com a escola, com a Igreja, com grupos de convivência e referências peculiares a esse indivíduo. Logo é fundamental compreender a dinâmica interna da instituição, mas ligada a um encadeamento global e geral da sociedade. (GATTI JR, 2002)

Dessa forma Julia (2001) nos aponta uma espécie de itinerário no que diz respeito às pesquisas em torno das instituições escolares. Para ele a primeira via seria interessarmo-nos pelas normas e pelas finalidades que regem a escola; a segunda seria avaliar o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho de educador e a terceira interessarem-se pela análise dos conteúdos ensinados e das

práticas escolares. (Julia, 2001) Portanto, percebe-se que as análises em torno das instituições escolares assumiram novos enfoques, não estando tanto presas as reflexões sobre as normas ou legislações do campo educacional, mas preocupadas com a crítica dos mecanismos de seleção e exclusão social praticados pela escola e os numerosos problemas sociais construídos a partir de critérios escolares de julgamento, como é, por exemplo, o caso do iletrismo.

O historiador que trabalha com as instituições escolares também deve tomar cuidado para não resvalar em reducionismos teóricos tais como: “particularismos, culturalismo ornamental, saudosismo, personalismo, descrição laudatória ou apologética da instituição escolar” (Buffa, 2007, p.155). Constituindo uma versão distante da crítica e do processo de contextualização histórica.

Dessa forma queremos convidá-lo para á partir das próximas páginas acompanharmos uma reflexão sobre a história da Campanha Nacional de Escolas da comunidade e sua inserção no distrito de São José da Mata em Campina Grande, durante a década de 70, através da fundação da Escola Cenecista São José, tendo como intuito buscarmos perceber as implicações que tal instituição trará para a vida cotidiana no distrito, também dando destaque para os saberes e práticas culturais constituídas a partir da vida escolar daquela instituição, tecendo uma análise sobre os inúmeros eventos e festividades realizadas na escola, como também pretendendo discutir como foi gestada na CNEC São José a partir dos princípios trazidos pela rede em nível nacional uma espécie de identidade Cenecista, e como tal aspecto terá reflexo na vida docente e discente dos sujeitos que habitavam o espaço escolar daquela instituição, não podendo deixar de serem problematizadas as celebrações e práticas escolares associadas a um mito do fundador da rede o professor Felipe Tiago Gomes, paraibano de Picuí, e uma realidade de escola atrelada às concepções do comunitarismo com uma forte influência da religiosidade católica em parte motivada pelos seus diretores.

2. HISTÓRIA DA CNEC EM SÃO JOSÉ DA MATA: UMA ABORDAGEM A LUZ DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

“Já podemos dizer, convictos, que a escola Cenecista se firmou como a escola popular, fruto do esforço comunitário, em que alunos, pais e professores formam uma só família, atuando todos no sentido de aprimorá-la, defendê-la como o jardineiro cuida de uma planta de estimação, ou o pastor de seu rebanho”.

(Felipe Tiago Gomes)

Após esta breve reflexão sobre a importância do estudo das instituições escolares e da cultura escolar, é fundamental antes de compreendermos o contexto em que será instalada a Escola Cenecista São José; buscaremos refletir sobre o surgimento da campanha a nível nacional, quais as motivações que levaram ao surgimento da dita CGP (Campanha do Ginásiano Pobre – Futura CNEC) no ano de 1943, através da criação do Ginásio Castro Alves por um grupo de jovens estudantes da faculdade de direito do Recife, logo queremos neste capítulo discutir sobre a história da expansão nacional da CNEC e sua chegada e recepção em São José da Mata como um marco educacional para o distrito.

Sem dúvida alguma, observamos que, no que diz respeito à história da educação pouco se tem discutido sobre a importância da CNEC para o pensamento educacional brasileiro, verificamos que a grande maioria dos trabalhos estão ligados a organização das administrações estaduais, não havendo ainda um trabalho que efetive maiores reflexões sobre tal movimento. De fato existe um silenciamento em torno da escrita da CNEC, talvez motivado pela dubiedade de sua natureza jurídica no sentido de que ao mesmo tempo em que havia o incentivo por uma ação efetiva da comunidade na manutenção de tais estabelecimentos de ensino, também era muito forte na organização da rede a busca por subvenções e financiamentos por parte dos governos municipais, estaduais e federais, logo seria a CNEC uma entidade pública, ou privada?

Na visão de seu fundador, o professor Felipe Tiago Gomes, seria a CNEC uma escola comunitária, atravessada pela autogestão, distante de uma visão capitalista pela obtenção de lucros e sendo detentora de uma doutrina libertária da educação. Segundo Ferrer (2010) esta natureza semi-pública da campanha seria um dos principais fatores que contribuíram para o pouco destaque dado as pesquisas em torno da CNEC. Ainda é essencial colocarmos que os constantes processos de

estadualização e privatização vividos pelas unidades da rede principalmente no período da redemocratização do país, também exerceram influência direta no processo de silenciamento de tal escrita.

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade também se destacava por uma forte preocupação pedagógica refletida na organização de inúmeros congressos, para Ferrer (2010) tais congressos proporcionaram uma espécie de isolamento do movimento em torno de um “Espírito Cenecista”, que acabou por afastar seus membros das discussões em voga no campo educacional da época, no intuito do estabelecimento de um estilo de ensino próprio.

De certa forma o que identificamos é que o ideal cenecista estava associado nos primórdios de sua fundação a uma prática de ensino relacionada à produção da cultura, e uma visão da educação como redentora ou libertadora, uma visão salvífica da educação como sendo o único caminho capaz de dar novos rumos a história do país.

Em uma das coletâneas impressas pela CNEC Felipe Tiago Gomes define seus propósitos quando pensou em criar a CNEC:

Nunca fui um teórico da educação, nem planejador. Se tivesse me detido nessa tarefa nenhuma escola teria nascido pelas minhas mãos. Minha proposta é de uma educação cooperativa, associativista, aglutinadora e integradora da sociedade que evidencie a cada momento que os bens que Deus nos legou devem ter uma exploração que respeite a um só tempo as leis da natureza e o maior interesse social. (RELATÓRIO CNEC, 1974, p.9)

Portanto Felipe Tiago Gomes pretendia integrar os estudantes carentes ao meio social em que viviam as ditas elites do país, através da educação e sua ação redentora, sendo um dos pontos chaves da campanha a popularização do ensino secundário. Antes de adquirir à sigla CNEC, a campanha passou por inumeráveis mudanças em seu estatuto e na própria sigla. Em livro sobre a história de sua vida e da própria CNEC Tiago Gomes divide a história do movimento em três fases. A fase inicial relacionada à criação e reconhecimento do Ginásio Castro Alves em Recife, instalado no ano de 1943 e reconhecido no ano de 1946, nesta fase se destaca as limitações financeiras do movimento e a constante luta em busca do reconhecimento jurídico por parte do ministério da educação.

A segunda fase diz respeito à campanha de expansão da CGP, depois de um período em que seu fundador esteve ocupando o cargo de prefeito de Picuí-PB, sua terra natal, ele volta a dar assistência a campanha e decide difundir a mesma em

todo o país. Começa então a viajar por diversos estados, no ano de 1948, sendo a Paraíba um dos estados visitados.

Em seu histórico da CNEC Felipe Tiago Gomes nos fala de uma terceira fase, caracterizada pela diversificação da campanha, em parte motivada por suas ligações com o poder federal, quando a organização decide não só abrir ginásios, mas se voltar para os cursos técnicos, tendo destaque à seção de Alagoas, onde foram criadas quatro escolas de comércio, no ano de 1956 e também poderíamos destacar a própria Picuí-PB com a criação da fazenda escola Elias Corrêa Gomes em uma área de 330 hectares que visava dar formação aos jovens da região no processo de lapidação de pedras semi-preciosas, como também o trabalho com o artesanato, a confecção e a serigrafia desenvolvidos pela CNEC na cidade.

Porém antes de refletirmos sobre este processo de formação e consolidação a nível nacional da campanha é fundamental buscarmos compreender quem foi Felipe Tiago Gomes e qual a sua importância na criação de uma proposta de escola que viesse convergir com os anseios da época. Neste sentido elaborou-se um breve perfil deste educador e suas propostas educacionais a partir de sua atuação na criação da CNEC e na maneira de conduzi-la. Nascido em 1º de maio de 1921 no sítio Barra do Pedro no município de Picuí na Paraíba, Tiago Gomes enfrentou: “o problema financeiro da escola do lucro, e sua vida de estudante carente e sem recurso” (1989, p.11), vida esta correspondente a de muitos jovens que segundo ele possuíam os “pés descalços e picados por espinhos impiedosos e mãos calejadas da enxada” (1989, p.11). Tendo experienciado durante sua juventude enormes dificuldades para a continuação dos seus estudos, até que conseguisse chegar à cidade do Recife, onde se dedicou aos estudos das ciências jurídicas.

A CNEC foi criada no ano de 1943 na cidade do Recife sobre a sigla CGP (Campanha do Ginásio Pobre), quando o Brasil vivia os tempos da segunda guerra mundial e havia declarado guerra ao Eixo a menos de um ano, além disso, era vivido um forte clima de agitação política motivado pela vigência da ditadura varguista o Estado-Novo, nesta época o ensino secundário era organizado em duas partes: o curso ginásial de quatro anos e o curso colegial de 3 anos; como uma política de estado, havia um forte incentivo para o desenvolvimento da educação privada, como também era forte a dicotomia entre o ensino considerado das elites e o ensino dito popular. Como afirma Hilsdorf sobre a educação da Era Vargas:

Eleva-se o técnico profissional na estrutura vertical do ensino, preparando-o com nível do ginásio e do colégio, para preservar-se o elitismo do acadêmico. Pode-se dizer que essa medida era destinada a promover o desenvolvimento econômico sem modificar a ordem social (2003, p.101).

A partir de tais implicações verificávamos enorme ausência do estado no que diz respeito ao atendimento das necessidades educacionais principalmente das cidades interioranas, sendo o ensino público muitas vezes encontrado unicamente nas capitais federais.

Partindo das leituras de *O Drama da América Latina* de John Gunter, sobre as experiências do líder peruano Haya de La Torre, que havia criado escolas populares para alfabetização dos índios, cujos professores lecionavam gratuitamente, entusiasmado e refletindo sobre as dificuldades que os jovens pobres encontravam para estudar no Brasil, que Tiago Gomes resolveu partilhar com colegas de curso em Recife a idéia de criar ginásios gratuitos para estudantes pobres. Eis a problemática de Felipe Tiago Gomes quando da fundação da CNEC em 1943:

Everardo, não seria uma coisa fabulosa se fundássemos um ginásio gratuito para o moço pobre? Você não daria aula gratuitamente?[...] Se os peruanos fizeram escolas primárias gratuitas, é porque é possível realizar o ensino gratuito no curso secundário. Veja a dureza que tivemos para fazer o curso ginásio! Por que só os ricos podem estudar? Vamos falar com Carlos Luís, que é bastante entusiasmado para as boas causas. (GOMES, 1989, p.20)

A partir da conversa com seu colega de curso, Everardo da Cunha (Luna), Felipe Tiago Gomes convocou uma reunião onde apareceram Carlos Luís de Andrade, Florisval Silvestre Neto, Joel Pontes e Eurico Cadengue, que segundo ele receberam suas palavras com “simpatia e aplausos. Aderiram plenamente á idéia”. (GOMES, 1989, p.21)

Logo nesta fase inicial destaca-se a criação do *Boletim da CGP*, jornal que visava propagar as idéias da campanha, tendo sua primeira publicação no dia 30 de agosto de 1943, o CGP daria origem ao folhetim *O Cenecista* e a *Revista Cenecista*. Em um dos seus primeiros artigos, escrito por Alcides Rodrigues de Sena o CGP trazia:

Nós cogitamos e vamos fundar a Campanha para o Ginásio Pobre. Um colégio. Uma casa nossa, como um amplo amplexo colhendo e ajudando todos os pobres que desejam fazer o ginásio. Um oásis para saciar a sede do caminheiro ávido de saber. Do moço pobre. Roto. Sem livros e sem farda. Descalço e sem gravata. – Nós venceremos. Não teremos somente a “arrancada”. Há mãos estiradas pedindo saber. Inteligências anônimas. Vocações atrofiadas. E nós iremos ao seu encontro. Estamos em luta. Queremos o seu apoio. (BOLETIM DA CGP, 1943, s/p.)

Dessa forma a CNEC em sua fase inicial foi marcada pelo *Entusiasmo da Educação*, que ressurgia com o fortalecimento dos ideais da democracia liberal, revigorando a crença de que através da educação seria construída uma sociedade democrática (Silva, 2001). Mantidas pelas contribuições dos sócios, vendas de selos, festivais e doações as escolas da CGP possuíam uma concepção filantrópica e humanitarista da educação.

Segundo as análises de (Paiva, 1987), com o final da Guerra e a derrubada do Estado Novo, a alfabetização e a educação da população adulta passaram a ser percebidas como um instrumento da redemocratização, como um problema que merecia atenção especial e que polarizava as atenções pela possibilidade de utilização da educação em função de novos objetivos políticos. O *Entusiasmo pela Educação* ressurgiu com o fortalecimento dos ideais da democracia liberal, revigorando a crença de que, através da educação, seria construída uma sociedade democrática. Estando os centros de decisão política sob controle das elites ligadas à indústria, essa buscou enfraquecer o poder eleitoral das oligarquias no campo, através das campanhas de massa em favor da educação. A mobilização em torno da ampliação de oportunidades de educação para adultos atinge diversos setores interessados em problemas educativos.

Até a metade do ano de 1944, os fundadores empenharam-se em difundir a idéia da organização, para o que utilizaram um Boletim, formaram o Teatro do Estudante (que também servia para angariar fundos), além de organizarem a Semana de Cultura Nacional, em Recife, com o objetivo de obter apoio de intelectuais.

Ao completar o primeiro ano de fundação da Campanha em 1944, foi instalado o primeiro ginásio, o Ginásio Castro Alves, mantido com donativos. Inicialmente, tinha como professores os próprios fundadores da Campanha e funcionou na sede do Sindicato dos Contabilistas do Estado de Pernambuco. Os estudantes assistiram às aulas de pé até o fim do ano de 1944, quando foram adquiridas carteiras e, também, inaugurada uma biblioteca que levou o nome de Miguel Couto, numa homenagem ao representante do movimento do *Entusiasmo pela Educação*.

O ano seguinte de 1945 foi marcado pela preocupação dos dirigentes com o reconhecimento do ginásio pelo Ministério da Educação. Foi, porém, considerado

um “ano triste”, pelo não reconhecimento e por ter havido divergências entre o grupo, cujos participantes se envolveram em campanha eleitoral. Felipe Tiago Gomes relata que, desiludido com a não obtenção da colaboração do governo e revoltado com o assassinato de um colega da Faculdade de Direito de Recife pela polícia, abandonou a Campanha, filiou-se ao partido de oposição, a UDN, e ingressou no Movimento de Redemocratização do país, criando um núcleo de resistência em sua cidade natal, Picuí, na Paraíba. Posteriormente nomeado prefeito dessa cidade, exerceu o cargo por nove meses. Referindo-se a cisão do grupo Joel Pontes afirma:

Nossa união cambaleou, o reconhecimento do Ginásio não chegava, uns abandonavam a Campanha, outros aderiam, tudo por causa da política. Já não vou citar nomes, nem lembrar as desconfianças de certos setores oficiais: havia quem nos tachasse de comunistas, de integralistas disfarçados, a polícia vez por outra farejava, houve momentos de desânimo, não vou negar. (PONTES, 1978, p.13)

Meses depois esse mesmo fundador abandonava a campanha apontando o motivo de sua saída, pois conforme Pontes:

[...] é justo que diga de minha discordância quanto à aproximação pouco antes iniciada com o Governo, e cada vez mais estreita, contrariando um dos princípios dos nossos dias heróicos, precisamente o de não permitir a interferência de políticos. Parece-me que se não existiam as escolas gratuitas como o nosso Ginásio era por culpa daquele mesmo governo, do qual estávamos procurando depender e parecia-me também que começava a imitar a gralha da fábula e se enfeitar com as penas do pavão. Eu nos achava uns ingênuos sendo, talvez, o maior de todos. Não percebia que uma obra do porte da imaginada por Felipe Gomes tinha que se desenvolver perigosamente, driblando os interesses escusos, e não podia desprezar adjutórios capazes de se transformarem em obstáculos caso não fossem aceitos [...] (PONTES, 1978, p.14)

De fato o que se verifica é que principalmente a partir de 1946 a campanha buscou através da atuação de seus líderes cada vez mais as subvenções do estado, o que de fato gerou divergências em seus seguidores⁴. No dizer de seus líderes que objetivavam o alcance das demandas para a campanha, as escolas fundadas pelos cenequistas representavam uma opção menos custosa para os cofres públicos, em virtude de que a própria comunidade contribuía para a manutenção da escola através de donativos e das mensalidades escolares, visando assim angariar apoio público. Por outro lado as autoridades públicas viam na sua integração ao

⁴ O ideal educacional da CNEC era favorecer a democratização do ensino básico principalmente em regiões esquecidas pelo estado, todavia com o crescimento e ampliação da rede pelo país, seus diretores entram em conflito quanto ao aceitarem ou não subsídios governamentais para a implantação de novas unidades, o que para muitos era visto como uma quebra dos princípios fundadores e norteadores de tal experiência educacional.

movimento a oportunidade de promoção pessoal, com vistas aos processos eleitorais, logo deputados, senadores, prefeitos e vereadores eram muito vivos em prestarem sua atenção a CNEC. Pois junto com a campanha vinha o lucro político.

A partir daí dá-se uma franca aproximação com o poder público e a expansão da campanha pelos demais estados da federação, é durante essa fase que sua denominação é modificada de Campanha do Ginásio Pobre – CGP, para Campanha Nacional de Educandários Gratuitos – CNEG. Tendo em vista que o termo pobre soava naquele momento como depreciativo para campanha, e ao acrescentar o termo nacional a sigla incitava a aproximação com os governos da época, empenhados em campanhas nacionais pela educação o que favorecia a aquisição de subvenções. Esta fase estende-se desde o fim do Estado Novo até os quatro primeiros anos de o Governo Militar. Inicia-se num contexto marcado por um golpe de Estado que resultou na deposição de Getúlio Vargas e na eleição de Eurico Gaspar Dutra. (SILVA, 2010)

A denominação da Campanha, nesse ano de 1946, foi primeiro modificada para Campanha de Ginásios Populares e, pouco depois, para Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, alegando-se que a palavra “popular” era identificada com o Partido Comunista, então na legalidade. Os dirigentes da CNEG preferiram evitar tal identificação (Gomes, 1989, p. 52). A partir de então, durante o Governo Dutra, a Campanha ultrapassa o espírito de improvisação: a sobrevivência através de recursos advindos de doações ou da renda dos espetáculos do Teatro do Estudante é substituída por apoio financeiro, cada vez maior, do Estado. Essa aproximação é marcada por um encontro do seu principal fundador (Felipe Tiago Gomes) com o então Ministro da Educação Clemente Mariani, no ano de 1947, a quem foi apresentado um *Plano de Criação de Ginásios Gratuitos em todo o País*. Segundo Holanda (1981, p.38) Felipe recebeu do Ministro a promessa de ajuda.

Em 1948, por recomendações do diretor do Departamento Nacional de Educação, prof. Lourenço Filho, a Campanha elaborou o seu primeiro Estatuto e realizou o seu primeiro Congresso Nacional, com a presença de autoridades civis. A sua organização foi modificada e passou a contar com a participação de pessoas ligadas ao Estado (Holanda, 1981; Gomes, 1989). A Campanha ganha foro nacional, expande seus limites. Na sua denominação, passa a constar a palavra nacional, ficando, então, Campanha Nacional de Educandários Gratuitos – CNEG. A nova

estrutura da instituição ficou constituída com os seguintes órgãos: Congresso Nacional, Diretoria Nacional, Conselho Fiscal Nacional. Havia um Delegado junto aos estados da Federação, o qual se encarregava da sua expansão.

A partir da realização do primeiro congresso nacional, em 1948, os demais congressos foram realizados anuais ou bi anualmente, procedendo à reforma de estatutos e elegendo a diretoria nacional. A direção se modificou, ficando constituído de um Presidente, um Secretário Geral, um Delegado Geral e um Delegado para cada Estado da Federação onde a Campanha já estava instalada.

A partir de 1949, a Campanha se expandiu no país, passando a atuar nos estados do Rio de Janeiro, Paraíba, Paraná, Amazonas, Mato Grosso, Goiás, Pará, Maranhão, Espírito Santo e Alagoas, além de Pernambuco. Para a manutenção da entidade, surgem, nesse ano, alguns projetos de lei municipais, destinando-lhe subvenções. A partir da década de 50, houve crescimento da participação do Estado nessa manutenção, ampliando-se na década de 60. No ano de 1950, a Campanha recebeu o primeiro auxílio do Governo Federal, resultante de emenda ao Orçamento da Câmara. É, também, a partir dessa década, que se verifica, na Campanha, a preocupação em incluir a participação de pessoas ligadas às diferentes esferas do Governo nos órgãos constitutivos da entidade (GOMES, 1989).

Em 1951, foi realizado o III congresso da Campanha, do qual participou o Deputado Benjamim Farah, representando o Vice-Presidente da República, Café Filho, e várias autoridades estaduais. Foram atribuídos títulos de sócio honorário ao Vice-Presidente Café Filho e ao Governador do Espírito Santo, Jones dos Santos Neves, dentre outros. Algum tempo após a realização desse congresso, foi constituída uma comissão, composta pelos deputados Medeiros Neto, Paulo Sarasate, Benjamin Farah e Celso Peçanha, a fim de obter auxílio do Ministério da Educação (GOMES, 1989).

Em vários estados, o estabelecimento de subvenções dos governos estaduais e municipais, foi adotada como medida obrigatória para a instalação de ginásios. Em Sergipe, por exemplo, era necessária a votação de um projeto de lei determinando a criação de uma taxa de 10% sobre todos os impostos cobráveis e 10% da quota federal do imposto sobre rendas para manutenção do educandário e, no Rio Grande do Sul, havia a exigência de contribuição das prefeituras. A contribuição do estado nos âmbitos federal, estaduais e municipais para a Campanha é bastante

intensificada nessa década, assim como se fazem presentes, em várias seções estaduais, personalidades da esfera governamental (HOLANDA, 1981)

Ainda que, no início do Governo Vargas, tenha havido, como afirma (Gomes, 1989), uma “má vontade” para com a Campanha, além da ampliação do número de escolas, publicou-se, no Diário Oficial da União, a lei nº 1.490-B de 1951, concedendo auxílio às escolas da Campanha e a lei nº 1.911 de 1953, incluindo-a no orçamento do Ministério da Educação e Saúde, com subvenções por série, cuja contribuição foi aumentada posteriormente (SILVA, 1995).

A lei 1.490-B de 1951 resultou de projeto do Deputado Plínio Lemos, apresentado no ano de 1949, o qual concedia à Campanha auxílio de quinhentos e vinte mil cruzeiros. O projeto, que tramitou por dois anos, recebeu uma emenda que aumentou o benefício para um milhão e setecentos mil cruzeiros GOMES (1989) afirma que houve dificuldades na aprovação do projeto, inclusive omissão do Presidente da República, sendo a Lei resultante promulgada pelo Presidente do Senado Federal, que era o Vice-Presidente da República, Café Filho, este por sua vez seria condecorado como presidente honorário da CNEC. (GOMES, 1989)

Em 1951, foi apresentado outro projeto de lei com o nº 555/51, pelo Deputado Medeiros Neto, o qual resultou na Lei 1.911 de 1953 (GOMES, 1989). Essa Lei consigna, anualmente, no orçamento do Ministério da Educação e Saúde, subvenção por série de cada ginásio da Campanha e foi, assim como a Lei 1.490-B, promulgada pelo Vice presidente Café Filho, na condição de Presidente do Senado Federal. Ainda nesse ano, também foi apresentado projeto de lei ao Congresso Nacional, pelo Deputado Celso Peçanha, a fim de que a Campanha fosse considerada de Utilidade Pública, sendo aprovada na Câmara dos Deputados e rejeitada pelo Senado Federal. A Campanha foi reconhecida de Utilidade Pública em 30.11.1954, pelo Decreto 36.505.

Todavia sem dúvida alguma a fase de maior crescimento e expansão da CNEC se deu no governo de Juscelino Kubtischek (1956-1961), em que a forte política de incentivo a privatização, inclusive no campo educacional veio por sua vez impulsionar a CNEC, sendo a primeira dama, a senhora Sara Kubtischek, presidente da CNEC por dois mandatos consecutivos (1956 e 1957), segundo (Gomes, 1989) as tachas de matrícula de alunos na campanha cresceram na ordem de 232% e de escolas na ordem de 249% ou seja, o número de alunos sobe de 9.433 em 1956

para 31.371 em 1960 e o número de escolas sobe de 107 para 373, no mesmo período. Esta expansão se deu em grande parte pela ampliação e construção de novos prédios para a campanha (GOMES, 1989)

No X Congresso Nacional da Campanha, foi criado o Conselho Consultivo (depois chamado Conselho Nacional), o qual se compunha, geralmente, de pessoas vinculadas às esferas governamentais executivas ou legislativas. Como uma forma de selar permanentemente a ligação da CNEC com as subvenções advindas dos poderes públicos. A campanha foi desenvolvendo suas atividades na perspectiva dos discursos vinculados pelo estado. Logo dentro da concepção desenvolvimentista do governo foi comum a criação de escolas técnicas pela campanha adequadas às realidades das localidades em que eram instaladas.

Segundo (Gomes, 1989) no IX Congresso da Campanha, no ano de 1957, foi levantada questão a respeito da fundação de educandário sem que se estabelecessem, previamente, condições para a sua manutenção. O que em parte dificultava em muito a aquisição das verbas públicas por parte da campanha. Dessa forma em 1956 foi estabelecido, no seu Estatuto, que, para a criação de educandários, na localidade, seria necessário um quadro social com cem sócios contribuintes e a prova de aquisição de terreno destinado à construção do prédio próprio. Foi daí que surgiram os setores locais, grupos de lideranças da comunidade responsáveis pela realização de atividades que promovam a manutenção e vitalidade financeira da instituição, tão marcante dentro da dita “filosofia cenecista”. Entre 1960 e 1961, a CNEG criou 105 novas escolas, aumentando o seu alunado de 31.371 para 39.000 alunos.

Durante a década de 60 e o estabelecimento do governo militar a CNEC então CNEG iniciará uma discussão sobre mudanças no que diz respeito a sua natureza pedagógica com ações voltadas para uma educação; extra-escolar e centrada no mundo do trabalho, também iremos presenciar uma maior preocupação dos órgãos da instituição no sentido de valorizar a manutenção dos estabelecimentos de ensino por parte das comunidades. Mesmo que a campanha ainda integre em seu quadro administrativo personalidades do governo e mesmo que em um período tão conturbado como o final de década de 60 não tenha deixado de receber as subvenções por parte do governo federal (SILVA, 2010).

Segundo (Gomes, 1989) nesse período as subvenções atingiram a faixa de 97,5% da receita da campanha, porém a instituição passou a demonstrar uma preocupação pela manutenção das escolas por parte da comunidade. Valorizando a contribuição de seus sócios e as campanhas pelo trabalho voluntário e arrecadação de donativos. Tal fato leva aos questionamentos sobre a gratuidade do ensino na CNEC, tendo em vista que essas contribuições inicialmente simbólicas com o tempo passaram a funcionar como mensalidades, e sendo a manutenção de tais estabelecimentos ligados aqueles que vivem, estudam, trabalham na escola e não da comunidade em que a escola está inserida de forma geral (SILVA, 2001).

A partir de 1970 não veremos mais a expansão da CNEC no setor escolar, mas uma verdadeira diversificação de seus ramos de atividades direcionadas para a produção de fontes de renda, na atividade agrícola, comerciais e industriais como também no campo da comunicação. O departamento de planejamento do governo irá visar à transformação das escolas Cenecistas em escolas para o trabalho, e será firmado um acordo com a USAID para o desenvolvimento por parte da CNEC de cursos profissionalizantes, principalmente na área agrícola. Logo a campanha não estará se dedicando unicamente ao ensino básico, como de costume, mas também passará a investir no ensino técnico e superior. Pelo convênio com a USAID serão abertas 10 escolas polivalentes na região Nordeste, além de uma escola de engenharia na Guanabara (SILVA, 2001).

Em 1970 a rede assumirá a sigla CNEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, em parte influenciada pela nova conjuntura política e exigência do governo de mudança quanto a sua natureza pedagógica com um ensino voltado para o trabalho e a visão do contato com a comunidade a partir do estabelecimento dos cursos técnicos, além disso, verificou-se que houve uma redução das verbas federais destinadas a instituição e que com a valorização do ensino público principalmente a partir do processo de redemocratização inúmeras escolas da CNEC não conseguiram, mas se manter sendo privatizadas, ou estadualizadas, quando não foram simplesmente fechadas pela abertura das escolas estaduais. (SILVA, 2001)

Em algumas regiões chegaram a existir acordos das diretorias estaduais da CNEC no intuito de que onde existissem unidades da rede, não fossem instaladas escolas públicas. Tais fatos contribuiriam para que o idealizador do movimento o

professor Felipe Tiago Gomes chegasse a afirmar: “somos uma comunidade, no nome e na filosofia, mas longe de sermos na prática” (1999, p.2). Ao fazer referência aos diferentes rumos que a instituição tomou se afastando dos princípios de 43.

2.1 ESCOLAS CENECISTA SÃO JOSÉ: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS.

Antes de discutirmos sobre a implantação da Escola Cenecista São José em São José da Mata, é fundamental buscarmos refletir sobre a conjuntura histórica que a cidade de Campina Grande vivia no período, tendo em vista que tal conjectura será basilar para entendermos como a escola será vista pela comunidade local do distrito como sinal de progresso e modernidade.

Deste modo, façamos um breve histórico da Campina Grande dos finais dos anos 60 e início dos anos 70, para que possamos perceber como tal realidade social favoreceu a implantação da unidade educacional naquela paragem, em virtude que não podemos pensar a escola como uma instituição ou organismo autônomo, independente do contexto social em que emerge, pois a escola é um produto cultural de uma dada sociedade e de determinado momento histórico.

Sem dúvida alguma, um dos períodos em que Campina Grande apresentou o maior ritmo de crescimento foi o século XX, especialmente a segunda metade deste século, graças ao acúmulo de capital oriundo da produção e comercialização do algodão que consolidou Campina Grande como um importante centro regional no interior do Nordeste.

Os campinenses tinham o desejo de acompanhar o ritmo da história, captar a mudança e mudar com ela, portanto desde a década de 30, quando a cidade atravessou seu primeiro processo de reformas urbanas era vista como uma cidade destinada ao desenvolvimento e ao progresso, uma cidade que estava sempre em movimento, em processo de modernização associado à fantasia pelo progresso (FERNANDES, 2011).

Tal fato também pode ser influenciado devido à política desenvolvimentista adotada pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), em que a região Nordeste, e Campina Grande se beneficiara com a criação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) em 1959, responsável pela realização de obras que promovessem a urbanização e o desenvolvimento industrial

das principais cidades do interior desta região do país, como também de suas grandes cidades.

O Brasil vivia um momento de incentivo a industrialização e modernização, e vendo o desenvolvimento que outras cidades da região passavam os empresários de Campina Grande tentavam que a cidade galgasse um espaço no desenvolvimento econômico do país. Era um momento em que as cidades passavam por transformações significativas, para atender aos sonhos progressistas e facilitar o avanço da “verdadeira civilização” (REZENDE, 1997, p.31)

O desenvolvimentismo era marcado pela lógica do desenvolvimento econômico e social do Brasil, tal desenvolvimento deveria se efetivar de forma rápida, através do chamado plano de metas, o país iria crescer 50 anos em 5, este era o principal ideal do governo na época e tal política seria sentida em Campina Grande neste processo de transição de sua natureza enquanto pólo agrícola e comercial para se tornar um importante centro industrial. A ideia de modernidade no município estaria associada à concepção de que atividades dinâmicas economicamente necessitariam serem incentivadas para substituírem as antigas, conforme FERNANDES apud AGRA DO Ó (2011, p.8).

Partindo de tais premissas assistimos no final da década de 60 e 70 já sob a vigência do regime militar a instalação de inúmeras indústrias na cidade de Campina Grande, e a criação dos chamados distritos industriais, movimentos claros da política de industrialização dirigida do governo militar. Como exemplo, temos a fábrica de fogões Wallig Nordeste, inaugurada no distrito industrial de Campina Grande em 10 de agosto de 1967, pelo então presidente da república Arthur da Costa e Silva, a fábrica tornou-se uma das empresas mais importantes da cidade no período sendo responsável inicialmente pela geração de 1500 empregos diretos (FERNANDES, 2011).

Figura 01 – Inauguração da Wallig



Fonte: Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (1967)⁵

Durante a década de 70, principalmente no curso da administração municipal de Evaldo Cruz (1973-1977), como emblema da política de imposição e centralização do desenvolvimento industrial e reformas urbanísticas do Brasil, promovidas pela PNDU (Política Nacional de Desenvolvimento Urbano), do regime militar, foi elaborado em Campina Grande o PDLI (Plano de Desenvolvimento Local Integrado) que visava corrigir os setores considerados deficientes na cidade, desde a área de educação e administração, até os problemas urbanísticos.

Segundo Oliveira apud Fernandes (2011, p.14) o PDLI “constitui-se na realidade, em uma imposição do governo militar em consonância com seu modelo de planejamento urbano integrado e centralizado”. O plano tinha como maior preocupação dotar a cidade de obras de infraestrutura visando á modernização e o desenvolvimento de Campina Grande e de toda a região sobre a influência desta cidade. O município recebeu inúmeros recursos, que segundo Fernandes (2011) estiveram associados ao alinhamento da administração de Evaldo Cruz com o projeto político nacional então vigente.

Todavia a modernização em Campina Grande no decurso dessas duas décadas não esteve unicamente atrelada a reformas urbanísticas com o alargamento de ruas ou a construção de grandes avenidas, nem tampouco a instalação de grandes grupos empresariais na cidade, mas também se deu no setor educacional, tornando-se Campina Grande uma referência para o ensino superior e

⁵ Figura 01 disponível em: cgetalhos.blogspot.com.br/2010/05/relembrando-wallig-nordeste-Sa.html#.VXt8YPLiKo Acesso em jun. 2015.

a educação no estado com a criação da FURNE⁶ (Fundação Universidade Regional do Nordeste) em 1966.

Outro aspecto importante de ser destacado no campo da educação na cidade foi a e a instalação do Campus II da UFPB⁷ em Campina Grande em 1960, com isso Campina se configurava enquanto uma cidade pólo, tais instituições possibilitaram que Campina Grande fosse um dos mais importantes centros de ensino superior da região Nordeste, atraindo um grande número de estudantes, de diversos Estados, inclusive do sul do país (FERNANDES, 2011).

Por conseguinte Campina Grande era uma cidade que crescia e se modernizava uma cidade destinada ao progresso, pioneira em tudo que fazia deste modo, seu desenvolvimento não poderia se restringir a zona urbana do município, era necessário que sua zona rural também fosse presenteada com tal crescimento, até como uma forma de evitar o êxodo rural tão comum na época.

Pela ausência de escolas de ensino secundário nas comunidades rurais havia uma forte migração de parte desta população em busca de oportunidades de estudo no centro da cidade, é dentro deste contexto que devemos compreender a instalação da Escola Cenecista São José em São José da Mata, como uma iniciativa que promoveria o desenvolvimento educacional do distrito sem onerar os cofres públicos, com a implantação de uma unidade atrelada a rede CNEC, uma escola mantida e pertencente dentro da filosofia cenecista, a comunidade.

Foi a partir em março de 1974 que foi implantada no pequeno distrito a primeira Escola Cenecista de Campina Grande, tendo em vista que a segunda unidade da rede, a ser implantada na cidade, a Escola Cenecista Cônego Pedro Serrão, no Bairro da Liberdade só seria fundada em 14 de setembro do mesmo ano, motivada pela questão de oferecer uma oportunidade educacional para os filhos dos operários daquele bairro.

Tendo a unidade educacional de São José da Mata, em uma área rural vingado, as expectativas de que uma unidade na zona urbana da cidade também vingasse eram grandes, assim nasceu o Pedro Serrão. Mas remetendo o nosso olhar para a fundação da CNEC São José, como São José da Mata se encontrava na época da fundação da Escola Cenecista São José?

⁶ Em 1987 a FURNE seria estadualizada dando início a UEPB (Universidade Estadual da Paraíba).

⁷ No ano de 2002 o Campus II da UFPB seria desmembrado e federalizado dando origem a UFCG (Universidade Federal de Campina Grande).

Comunidade marcada pelo som do sino que convidava os moradores do pequeno distrito de São José da Mata a se reunirem para mais uma celebração, marcada pelo tempo da colheita, ou pelo barulho da rural de seu Manoel Agostinho que anunciava que já se preparava para mais uma viagem a Campina Grande, cerca de 15 km dali. Com uma população de 8009 habitantes de acordo com o censo demográfico de 1980, São José da Mata era uma localidade pacata, de população rural que enfrentava as mesmas dificuldades de inúmeras outras tantas comunidades rurais do país, insuficiência no que diz respeito à cobertura de transportes, ausência da presença do estado no sentido do funcionamento de escolas na comunidade, tendo um pequeno grupo que atendia ao curso primário, fazendo com que as crianças que concluíam tal etapa ou se dirigissem para as casas de parentes em Campina Grande, repetissem o primário para não interromperem os estudos, ou simplesmente parassem de estudar tendo que ir auxiliar seus familiares na agricultura. Não havia tantas alternativas para formação educacional da população daquela paragem. Partindo de tais premissas observamos de acordo com Certeau que São José da Mata foi

Marcada pela implantação de uma escola: espaço estático, não conformado pelo desenvolvimento, é um lugar geométrico como a caserna, com salas quadradas e corredores retilíneos, projeção arquitetônica do ensino que ali se oferecia. Esse templo da razão una e centralizada colocava na vila o selo de um poder cultural (CERTEAU, 2008, p.138)

Nas palavras do Padre Cristiano Joosten, missionário redentorista atuante no distrito na época da fundação da Escola Cenecista São José, a escola representou o desenvolvimento, que na época “estava chegando a todo canto, e lá precisava de uma escola que tivesse hoje o que se chama de ensino médio” (Joseph Cristian Marie Joosten, 15/12/2014). Portanto a implantação da escola será vista como signo de modernidade ou o selo de um poder cultural (CERTEAU, 2008) que chegava atrelado a concepções de progresso e vivência de dias melhores.

A iniciativa para implantação de um ginásio Cenecista em São José da Mata partiu da experiência que o padre Cristiano já detinha do período quando chegando da Holanda morou em Salvador e pode trabalhar na implantação de uma escola Cenecista em Bom Jesus da Lapa no estado da Bahia, tendo conhecido na ocasião o fundador da rede o professor Felipe Tiago Gomes, posteriormente sendo transferido para Campina Grande, padre Cristiano foi designado para trabalhar no distrito de São José da Mata, onde pode constatar a extrema carência educacional

sob a qual vivia o distrito. Portanto partindo dos conhecimentos que possuía sobre a CNEC e tendo notícias do funcionamento de uma unidade da rede no vizinho distrito de Boa Vista, padre Cristiano liderou uma comissão para visitar a unidade de Boa Vista e cogitou junto aos poderes públicos na época a possibilidade de instalação de um ginásio Cenequista em São José da Mata.

Vimos anteriormente que uma das principais características da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, era fazer-se presente onde o estado ainda não havia chegado ao que diz respeito o oferecimento da educação básica, a campanha atuava nos seus princípios originais no sentido da democratização do ensino, e diante da realidade distrital de São José da Mata e o seu comum esquecimento por parte das autoridades competentes, a CNEC teria um perfil adequado para desenvolver suas atividades naquelas plagas, por sua gestão compactuada com a comunidade a partir do setor local, e sua natureza semi privada.

Diante de tal realidade aos 11 de fevereiro de 1974, às 09:30h, no Salão Paroquial⁸ daquela comunidade foi realizada uma assembleia popular no sentido de debater sobre a implantação de um ginásio no distrito, tendo comparecido a reunião 138 sócios, devemos nos lembrar que era requisito para fundação de uma unidade cenequista a existência de um grupo de no mínimo 100 pessoas que se comprometessem com a manutenção e funcionamento da escola, tendo sido este os primeiros passos para a implantação da escola, uma campanha de convencimento de sócios, tendo comparecido a reunião de instalação 132 pessoas de acordo com as assinaturas presentes na ata (ATA DE FUNDAÇÃO DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ, 1974).

Os trabalhos foram coordenados pelo vereador Genésio Soares, também estando presentes na ocasião o prefeito de Campina Grande na época, Evaldo Cavalcanti Cruz, Milton Lins de Brito, representante do presidente da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, o vice-prefeito do município Antônio da Costa Gomes, Padre Cristiano Joosten, missionário redentorista, Evaldo Gonçalves de Queiróz, chefe da casa civil do governador, e os vereadores Rafael Manuel dos Santos, Antônio Alves Pimentel, Antônio Cabral Sobrinho e o professor Marcos Célio

⁸ Ver ata de fundação da Escola Cenequista São José – Superintendência Estadual da CNEC em João Pessoa.

do Nascimento, o Dr. Guarani Marques Viana, além dos diretores da SUPLAN⁹, Francisco Anselmo e João Nogueira de Arruda.

As autoridades presentes se comprometeram para atuarem nos esforços pelo funcionamento e manutenção da escola, sendo esta vista como aquela que traria “dias melhores para a juventude de São José da Mata”¹⁰, foi providenciada a eletrificação do grupo escolar do estado, onde a escola funcionária inicialmente até ter condições para construção de um prédio próprio, também foi acordado naquela ocasião que o corpo docente da escola seria composto por pessoas da própria comunidade, uma marca do ideal da escola comunitária da CNEC.

Após tais discussões foi eleita a equipe dirigente do primeiro setor local da instituição que tinham as funções de fiscalizar o andamento da vida escolar da nova unidade além de promover iniciativas que visassem à aquisição de capital para sua manutenção, tal equipe apresentou a seguinte composição: Padre Cristiano Joosten (Presidente), Maria Lima de Araújo (Vice presidente), Maria de Araújo Lima (2º Vice presidente), Lúcia Maria (1º Secretária), Maria José Rodrigues (2º Secretária), Geraldo Alves dos Santos (1º Tesoureiro) e Maria do Socorro Alves (2º Tesoureira). Também sendo eleito naquela oportunidade o conselho fiscal da escola composto por Roque José Fernandes, José Idalino de Araújo, Antônio Cosme da Silva, Ivanaldo Guedes do Nascimento, Eliezer Pereira da Silva e Maria Cecília de Araújo. Estavam firmadas as primeiras medidas para instalação da nova escola em São José da Mata (ATA DE FUNDAÇÃO, 1974).

O deputado Evaldo Gonçalves transferiu Maria de Araújo Lima que na época morava em São José da Mata, mas trabalhava como secretária na escola estadual no bairro de Bodocongó em Campina Grande, para a unidade recém criada no distrito, além de conseguir junto ao secretário de educação do estado 30 carteiras tipo universitário para o funcionamento da nova escola, além de ser adquiridos pela atuação do vereador Genésio Soares a eletrificação do grupo escolar por meio da prefeitura do município e a isenção do pagamento da mesma. A prefeitura também contratou três funcionários para a escola: Júlio da Silva, Maria do Socorro Santos e João Felix do Nascimento, para atuarem no corpo técnico administrativo da escola.

⁹ Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado.

¹⁰ Trecho retirado da Ata de Fundação da Escola Cenecista São José – Superintendência da CNEC em João Pessoa.

A primeira equipe de professores foi formada por pessoas da própria comunidade e era composta pelos seguintes professores e suas disciplinas respectivas: Júlio da Silva (Matemática), Maria de Lourdes A. Agostinho (Português e inglês), Francisca da Silva (Português), Maria Madalena Alves (Geografia), Lúcia Maria (E.M.C. e Educação física), Severina Luiza (História), Maria Cecília Araújo (Ciências), Manoel Caboclo (Educação física), Maria José Rodrigues (Ciências) e Guilherme e Alvino (Artes). A aula inaugural da instituição foi realizada no dia 24 de março de 1974 e foi ministrado pelo professor Clodoaldo Muniz, tendo a escola já iniciado suas atividades normais no dia 25 de março de 1974.

Ainda sob atuação de Evaldo Gonçalves foram contratadas pelo estado às professoras Telma Maria Xavier e Maria Salete Carvalho, e as funcionárias Maria de Lourdes Cavalcanti Araújo e Maria Salomé, a técnica em educação Severina Macedo, assumindo como vice-diretora da instituição ao lado do diretor o missionário redentorista padre Teodoro Trommelen. Estava formado o corpo docente e administrativo que daria continuidade ao processo de consolidação da escola em São José da Mata. (ATA DE FUNDAÇÃO, 1974)

O que devemos observar é que embora se configurasse em uma escola que contava com a iniciativa da comunidade para seu funcionamento era também em grande parte dependente dos poderes públicos, no sentido da contratação de funcionários e outros aspectos, tendo em vista que tais poderes também enxergavam na implantação de uma unidade cenicista uma maneira menos onerosa de se investir em educação, as figuras públicas também enxergavam no auxílio de tais unidades uma oportunidade de conseguir como também de ampliar seu capital político, como destacamos a figura do deputado Evaldo Gonçalves e do vereador Genésio Soares que de todas as formas sempre buscava se fazer lembrar no distrito por suas ações em torno da Escola Cenicista São José.

Embora se pregasse a idéia de que a escola oferecia um ensino gratuito é fundamental ressaltar que aqueles que estudavam na instituição contribuíam mensalmente com uma quantia em dinheiro para manutenção do estabelecimento, que por vezes se mostrava insuficiente, tendo por diversas ocasiões que recorrer à organização de eventos para suprir tais carências como também à ajuda dos poderes públicos, municipais, estaduais e federais. Detinha assim a CNEC uma natureza semi privada. (Silva, 2010) Tal fato fica bastante claro quando recorremos

aos relatórios anuais da instituição presentes no arquivo da superintendência estadual da CNEC em João Pessoa, relatórios estes existentes a partir de 1983 quando identificamos que neste mesmo ano o FAE (Fundo de Apoio a Educação) do governo federal adquiriu 149 bolsas na instituição, além de contar com as bolsas do salário educação e de organizações privadas do município.

Tal sistema de bolsas era fundamental para manutenção do funcionamento da escola. No ano de 1985 houve na comunidade um movimento pela estadualização da escola, em virtude da crise financeira que começava a atravessar a instituição, segundo o relatório de atividades daquele ano, também presente na superintendência da CNEC em João Pessoa, a superintendente estadual da CNEC/PB professora Maria de Fátima Camelo buscou junto ao secretário de educação do estado o professor José Loureiro um convênio no valor de Cr\$ 2, 000, 000 mensais para a manutenção dos professores pagos pela CNEC, como também para iniciar a implantação do segundo grau na unidade, tendo as verbas do convênio atrasado na liberação foi realizada uma festa junina para pagamento dos funcionários, o que deixa claro a dependência por parte das verbas públicas para o pleno funcionamento da escola. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1985)

Tendo inicialmente o corpo de funcionários sido formado por pessoas da própria comunidade que atuavam em suas maiorias como voluntárias, com o crescimento da demanda de alunos tornou-se cada vez mais necessária a contratação de funcionários, muitas vezes estes sendo contratados pela própria CNEC, ou cedidos pelo estado e município no sistema pro-temporis. No relatório do ano de 1983 encontramos que a escola recebeu a ajuda por parte do estado com a contratação de cinco professores, como também de quatro funcionários técnicos. Tendo também assinado novas bolsas com o ministério da educação e com empresas da cidade de Campina Grande que em muito contribuíram para o equilíbrio e atendimento das demandas financeiras da instituição.

Após observarmos tais aspectos sobre a organização estrutural e administrativa da escola, é fundamental também analisarmos sua área de influência e seus frequentadores, qual o perfil de alunos que chegavam à Escola Cenecista São José? Sabemos que no contexto de sua fundação a escola exercia influência sobre toda a zona rural do distrito que compreende sítios como Lagoa de Dentro, Campo D'angola, Lagoa de João Gomes, Grotão, Serra de Joaquim Vieira I e II,

Capim Grande, Bosque, Tambor, Farinha, Km 21, Serra do Maracajá e que posteriormente com o aumento do oferecimento de vagas através da implantação do segundo grau em 1987 a escola estaria exercendo influência sobre uma área de abrangência que já alcançava a zona urbana da cidade de Campina Grande, especificamente os bairros de Bodocongó, Monte Santo, Prata e São Januário, além dos municípios vizinhos de Boa Vista, Pocinhos e Puxinanã.

Sendo uma comunidade da base rural um dos principais motivos para evasão escolar estava relacionado à grande parte dos alunos ajudarem seus pais no trabalho com a agricultura principalmente no período da colheita, quando precisavam se ausentar das aulas, segundo o relatório de 1983 havia uma falta de incentivo familiar em virtude dos alunos serem provenientes de famílias com problemas econômicos relevantes, segundo o relatório tais famílias também era vítimas de um processo social injusto, daí os esforços dos professores em enxergarem a educação como uma oportunidade para aqueles que só viam como caminho a agricultura, tratando a escola Cenecista como um marco para aquela comunidade.

Um marco porque quem podia pagar uma passagem ia estudar em Campina né quem não podia é ficava sem estudar e depois que o Cenecista foi fundado estudava quem podia pagar passagem e quem não podia pagar passagem, porque ele estava ali, com os alunos dali da terra porque não estudou, quem não quis né [...] então eu ainda acho que ele foi um marco para São José da Mata (Maria Cecília Araújo, 19/12/2014).¹¹

A escola pode atuar no sentido da democratização do ensino no distrito, tendo em vista que não se tornou uma oportunidade de continuidade dos estudos só para os jovens, mas para muitos adultos que haviam encerrado seus estudos no primário e que agora no turno da noite poderiam dar continuidade a sua formação. Para o ex-aluno João Tavares de Lima¹²

Quando a escola da CNEC apareceu em São José da Mata ela foi um grande diferencial porque ela nem era uma escola completamente pública nem ela era uma escola particular então você, aqueles que podiam pagavam uma quantia sei lá 30% do que uma escola cobrava em Campina Grande, esses que podiam pagava. A maioria estudava com bolsas através de prefeituras através de estado ou até doações. E aí abriu portas para muita gente estudar, eu sou um exemplo né porque foi a partir da CNEC que trilhei pelo caminho da comunicação através da escola da CNEC em São José da Mata, já que lá eu iniciei uma difusora uma amplificadora com

¹¹ Maria Cecília de Araújo, 71 anos é moradora do distrito de São José da Mata e é ex-professora e gestora da Escola Cenecista São José.

¹² João Tavares de Lima de 51 anos é ex-aluno da Escola Cenecista São José e morador da cidade de Picuí-PB

os colegas e foi em uma solenidade de aniversário da CNEC lá que terminei conhecendo o professor Felipe Tiago Gomes e ela na época montava a emissora aqui na cidade de Picuí onde até hoje estou militando como radialista né. (JOÃO TAVARES DE LIMA, 29/12/2014)

Desta forma observamos a imagem da escola como aquela que proporcionou o progresso local, através do crescimento da comunidade, tendo em vista que novas escritas de si foram traçadas a partir das experiências vivenciadas na Escola Cenecista São José, sua influência efetivou-se para além do campo pedagógico sabendo que proporcionou um maior contato da população do distrito com as lideranças políticas que por vezes se mantinham distantes de sua população e que acabavam enxergando na escola uma oportunidade para aproximação da localidade, a escola também pode dinamizar a vida distrital a partir de outras áreas, como também um maior acesso aos transportes por parte da população de São José da Mata, segundo observamos na fala da ex-professora Maria José Rodrigues¹³:

Essa escola até para o transporte facilitou mais porque tinha que botar mais ônibus porque vinha menino, olhe de manhã chegava dois, três ônibus de manhã de tarde e de noite cheio de alunos, de aluno que vinha estudar aqui, então facilitou muito, facilitou muito, ajudou em muitas coisas. (MARIA JOSÉ RODRIGUES, 06/01/2015)

Portanto observamos que no que diz respeito ao estudo das instituições escolares devemos analisar as redes de relações que se estabelecem entre escola e comunidade como um todo, uma exercendo influência sobre a outra, e vice-versa, principalmente a partir do processo de escolarização. É fundamental buscarmos compreender como um lugar admite muitos relatos de espaços vistos de forma diferentes em decorrência dos atores e acontecimentos em decorrência dos projetos e das temporalidades. Assim, “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”, pois os espaços estão vinculados a ações de sujeitos históricos conforme Merleau-Ponty apud Certeau (1996, p. 202). Cabe aos relatos de ex-professores e ex-alunos aqui apresentados, antes de assumirem uma natureza descritiva, operarem esta transformação de lugares em múltiplos espaços pela articulação entre diferentes bases documentais, imagéticas e que explicitam apropriações diferenciadas.

¹³ Maria José Rodrigues, de 64 anos, moradora do distrito de São José da Mata é ex-professora da Escola Cenecista São José também tendo atuado em seu setor local.

Dessa forma o entrecruzamento de fontes nesse trabalho nos possibilita abordarmos as diversas imagens erigidas em torno da Escola Cenecista São José, as diferentes representações e práticas que os sujeitos educativos estabeleciam com tal espaço educativo, como as diferentes narrativas de memória demonstram os diferentes lugares de memória construídos a partir das diversas experiências vivenciadas por professores, alunos e funcionários que faziam as urdiduras dos tempos em que a CNEC esteve em atividade naquela comunidade.

3. ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ: O COTIDIANO DAS PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE CENECISTA.

“Comunitarismo, cidadania e idealismo a mola mestra da CNEC era o idealismo, então se sabia onde queria chegar”.
(Eliane de Araújo Lima, ex-diretora da CNEC São José)

Como imaginarmos o cotidiano e as práticas que formam o dia-a-dia na vida daqueles que fazem com que a vida escolar aconteça? Sem dúvida alguma a sucessão dos dias na vida de uma dada comunidade escolar é marcada por tempos e maneiras de apropriação deste tempo e espaço de formas diversas, de modos variados, há de fato mil e uma operações de invenção do mundo da escola, onde professores, alunos e demais membros constituem uma cultura e práticas específicas, logo neste capítulo queremos discorrer sobre como se organizava a vida escolar da Escola Cenecista São José e a cultura escolar ali produzida, por meio das festas, e demais eventos que integravam o calendário letivo de tal instituição, também buscando observar as influências internas e externas na organização do espaço escolar.

Ao entrar pela primeira vez na Escola Cenecista São José no ano de 2007, naquela segunda-feira pela manhã, dirigi-me ao pátio da escola, como era costume antes de iniciarmos as atividades daquela semana, tínhamos que cantar o hino da CNEC, lá estava às bandeiras do Brasil e da Paraíba sob o mastro, e no centro do auditório a foto de um senhor que não consegui identificar quem era, mas ao perguntar a aluna que estava ao meu lado na fila, me falou: “é o professor Felipe, o fundador da CNEC”. O auditório em que nos encontrávamos recebia o seu nome, Auditório Professor Felipe Tiago Gomes, inaugurado em 1993 com mais dois blocos de salas, tendo sido o bloco I uma homenagem a superintendente da CNEC na Paraíba em 1974, ano de fundação da escola, a professora Maria de Fátima Camêlo, e o bloco II em homenagem ao primeiro diretor da instituição o padre Teodoro Tromellen¹⁴.

Sem dúvida alguma a figura de Felipe Tiago Gomes exerceu grande influência na propagação nas escolas da rede da idéia de Família Cenecista, e do

¹⁴ Relatório de atividades da Escola Cenecista São José – 1993, na Superintendência Estadual em João Pessoa.

lema que regia a escola e que comumente era cantado pelos alunos no hino da CNEC:

Hino Cenecista

Tu que tens mais riso e menos pranto.
 Tu que tens mais paz e menos luta.
 Fica em silêncio um minuto só;
 Pára e escuta:
 --"Como a luz que da Escola irradia.

E afugenta da treva o pavor.
 Há de o povo lutar e vencer
 Sem temor! Sem temor!"

Estrilho. Amigo, avante!
 Na falange Cenegista
 Ocupa o teu lugar
 Pelo Brasil,
 Com fervor de idealista:
 TRABALHAR! TRABALHAR!

Tu que tens mais riso e menos pranto.
 Tu que tens mais paz e menos luta.
 Fica em silêncio um minuto só;
 Pára e escuta:

-- "Uma escola aberta em qualquer parte,
 Com as sobras do teu riso, de teus cantos,
 Há de transformar teu gesto em luz
 Para Tantos! Para Tantos!"¹⁵

Era fundamental ter a letra na ponta da língua sob pena de ser repreendido pela inspetora que passeava por entre os pelotões de alunos enfileirados, todos deviam obedecer ao horário de execução do hino. Segundo a senhora Josefa da Conceição¹⁶, por nós entrevistada para este trabalho e ex-inspetora da instituição:

Eu dava a chance a eles, eu trabalhava de inspetora, aí eu dava a chance a eles de 15 minutos, eles chegavam 07h00minh, eu dava o prazo até 15 minutos, até 07h15minh, então quem chegasse primeiro eu botava na fila, botava a bandeira nacional, a do Brasil e da CNEC então todo mundo em posição para cantar o hino nacional e o hino da CNEC, aqueles que

¹⁵ O Hino da CNEC foi instituído por ocasião das comemorações do 16º aniversário da entidade em 1959, tendo letra da professora Dulce de Oliveira Vermelho e música de Juca Chagas. Ressaltamos que, quando em 1969 a entidade teve seu nome modificado de Campanha Nacional de Educandários Gratuitos para Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, a expressão *cenegista*, no segundo verso do estribilho do Hino da CNEC, foi alterado para a expressão *cenecista*.

¹⁶ Josefa da Conceição de 62 anos é moradora do distrito de São José da Mata e ex-inspetora da instituição, onde trabalhou por mais de 20 anos.

chegasse por último poderia ser a diretora eu trancava o portão, aqueles que chegasse primeiro ía para sala e aqueles que chegasse por derradeiro ía cantar o hino, do mesmo jeito era os professor, se chegasse a primeira aula atrasado 15 minutos eu não deixava entrar só entrava na segunda aula, a minha ordem de trabalho era essa. Se você chegasse fardado completo, entrava se não chegasse voltava da portaria. (JOSEFA DA CONCEIÇÃO, 03/01/2015)

Logo observamos que o cotidiano da escola era marcado por certa rigidez, e ao entrevistarmos algumas ex-professoras da CNEC como a professora Maria José Rodrigues observamos um sentimento de saudosismo quanto ao perfil de aluno que se encontrava na escola Cenecista e quanto ao que era cobrado do aluno Cenecista. Para Ela dadas experiências vivenciadas na CNEC e que hoje não são valorizadas deveriam ser retomadas, como os ritos relacionadas às cerimônias de execução do hino nacional e da CNEC:

Cantava o hino nacional, cantava o hino da CNEC agente dava muito valor eu até hoje Arthur acho que hino deve ser cantado, porque incentiva o patriotismo né. (MARIA JOSÉ RODRIGUES, 06/01/2015)

Tal afirmação torna-se fundamental no contexto de nossas reflexões tendo em vista que como discutíamos anteriormente, nos princípios norteadores da criação da CNEC estava à concepção de patriotismo, de defesa dos valores da pátria, algo muito em voga nos anos 40 período de fundação da campanha, todavia observamos que o contexto de fundação da unidade em São José da Mata também favorecia tais posturas da comunidade escolar, tratava-se do período militar, com forte campanha nacionalista, e isto terá consideráveis reflexos nas relações pedagógicas e nas práticas da cultura escolar.

Aí nessa época tinha o problema dos resquícios do regime militar aí tinha que se obedecer aquilo, tinha aqueles cuidados, mas até que era bom! Porque menino obedecia, menino respeita, não era fazendo pressão na sala não você ta entendendo, era na conversa explicando. Porque eu acho que a disciplina educação moral e cívica e OSPB eram tão valiosas porque despertava o interesse do aluno pelo respeito, pela cidadania, pelos valores, pelo caráter, pela ética, tudo isso e de OSPB as questões políticas, se você vê como era interessante era, os meninos gostava. (MARIA JOSÉ RODRIGUES, 06/01/2015)

Desta forma podemos observar que o cotidiano da escola Cenecista São José será marcado pelo zelo quanto à disciplina e o cumprimento das normas da escola. O poder disciplinar sobre os alunos será efetivado a partir da exigência da utilização dos uniformes, o horário de chegada, sempre às 07:00h no turno da manhã com tolerância até as 07:15h e sempre às 13:00h no turno da tarde com tolerância às 13:15h. Para o ex-professor de história e religião da antiga CNEC o Padre Rômulo

Remígio Viana, ao ser questionado sobre o cotidiano na escola Cenecista afirma que:

Era uma escola pequena, mas uma escola assim com bastante organização, bastante disciplina é preocupada assim na realidade com os alunos assim uma preocupação bastante decente com a formação humana dos alunos é [...] eu dava aula de educação religiosa e o que eu lembro mesmo assim é o padre Theodoro sendo bastante rígido com aquele jeito holandês dele de ser ele tinha uma preocupação que os alunos tivessem uma boa formação humana. (Rômulo Remígio Viana, 29/12/2014)

Logo devemos ressaltar que no contexto de sua fundação esta formação dizia respeito aos valores de cidadania associados à lógica do regime militar, como também havia uma necessidade de formação para o trabalho, tendo em vista que se tratava de uma comunidade de base rural, os cursos de técnicas agrícolas¹⁷ e técnicas comerciais intercalavam no projeto político pedagógico da escola desde os anos 70, ao lado de disciplina como moral e cívica, e Organização Social e Política do Brasil (OSPB). No intuito de uma formação que valorizasse o crescimento humano, mas acima de tudo estivesse atenta a preservação dos valores do trabalho e do patriotismo, de acordo com a legislação educacional vigente. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1993)

Ainda no ano de 1993 identificamos no relatório de atividades, no quadro de matérias oferecidas pela escola, na subárea, disciplinas diversificadas, as disciplinas: Técnicas comerciais, Técnicas agrícolas, Técnicas industriais, Educação para o lar e Formação Educacional, estando presente a orientação de que as disciplinas de Educação para o lar e formação educacional, fossem ministradas de 5ª a 8ª séries, enquanto a juventude do ensino médio estaria com uma formação mais voltada para o mercado de trabalho. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1993)

Porém devemos salientar que a disciplina, ou a docilização dos corpos como diria Michel Foucault (1975) não ocorria unicamente sobre os alunos, a partir das normas da escola ou da grade curricular, mas em uma de nossas entrevistas identificamos o caso de um professor que foi chamado à atenção em virtude de ir para a escola de camiseta, o que não condizia com a postura esperada de um professor, na frase da professora que lhe chamou a atenção lhe dando orientações que mudasse o seu modo de vestir estava:

¹⁷ Havia na escola uma pequena horta em que os alunos assistiam às aulas de técnicas agrícolas, onde detinham os conhecimentos básicos, sobre o cultivo e manutenção de leguminosas, para que tais conhecimentos pudessem ser reproduzidos em suas casas, a maioria na zona rural do distrito.

A primeira coisa que ele fez foi ter que mudar a roupa, ter que ter que vir com as roupas que dissessem essa é decente camiseta, essa coisa toda porque agente sabe que nós somos um espelho né, todo professor é um espelho pode ser um espelho ruim, ou pode ser um espelho bom mas tem que ser desse jeito (MARINALVA, 19/12/2014).¹⁸

Dessa forma observamos que o poder disciplinar interfere e atua no cotidiano da escola, desde os alunos que estão sob o olhar atento da inspetora, da professora na sala de aula, que são regidos por um currículo, produto de uma sociedade e de uma conjuntura histórica, até dos próprios professores. Foucault (1975) por meio de uma análise histórica e inovadora viu no exército, nas fábricas, nas prisões, nos asilos e nas escolas da Idade Moderna atitudes de vigilância adestramento do corpo e da mente do sujeito, surgindo então à concepção do ser humano como um objeto, capaz de ser moldado, dando às instituições a possibilidade de modificá-lo. Para esse autor, o corpo, nestas instituições, é visto como um objeto, capaz de ser domesticado, “adestrado” a partir de normas e punições, para que assim todos exerçam suas tarefas como bons cidadãos evitando infringir as normas estabelecidas pelo Poder, por meio das instituições de sequestro.

É um mecanismo de poder que permite extrair dos corpos tempo e trabalho, mais do que bens e riqueza. É um tipo de poder que se exerce continuamente por vigilância e não de forma descontínua por sistemas de tributos e de obrigações crônicas. (FOUCAULT, 1999, p. 42)

Além de tais aspectos através de nossas pesquisas e da recolha de exercícios e atividades com os ex-professores da escola, o que identificamos foi à necessidade dos alunos da Escola Cenecista São José compreender a origem da CNEC, a trajetória de seu fundador até como uma forma de atuar sobre o comportamento dos alunos, pois a partir dos ideais de Felipe Tiago Gomes e da sua história de vida, estes alunos não eram quaisquer alunos, mas faziam parte de uma mesma história vivida por inúmeras outras crianças e jovens no país, a história da família cenecista, dos que motivados pelo idealismo, estavam sempre destinados a lutar e trabalhar pela manutenção de sua escola. Portanto havia um culto ao fundador da rede, propagado através da produção de poemas, peças teatrais exercícios realizados em sala e até orações sobre a vida do paraibano de Picuí.

Tal fato também era uma das principais áreas de atuação de Tiago Gomes na CNEC, no sentido de que empenhava grande esforço no intuito de fazer a história da

¹⁸ Por motivos éticos preferimos não identificar à entrevistada, trazendo o excerto de sua fala através do pseudônimo de Marinalva.

CNEC conhecida, isto ficou claro com a publicação do livro *Escola da comunidade* (1989), em que numa nota explicativa afirmava:

É necessário que os milhares de jovens alunos cenecistas conheçam como surgiu a *Campanha Nacional de Escolas da Comunidade*. As suas lutas, os sacrifícios dos seus fundadores e a abnegação dos seus dirigentes, tudo isto deve constituir-se em motivo de orgulho para os moços que freqüentam as nossas escolas, esta é a razão fundamental deste livro. (GOMES, 1989, p.19)

Dessa forma havia no auditório nomeado em sua homenagem, a foto de Felipe, como se estivesse, através de um dispositivo panóptico a todo o momento lembrando os desafios e os deveres de ser um aluno cenecista. Em várias ocasiões Felipe Tiago Gomes esteve presente na Escola Cenecista São José, era sempre recebido com grande estima e alegria pela comunidade escolar, e sempre nas falas dos professores observamos o enaltecimento ao falar do professor Felipe Tiago Gomes e da dedicação que ele apresentava nos esforços para a consolidação e crescimento da Escola Cenecista São José que “era a menina dos olhos de Felipe Tiago, Felipe Tiago tratava essa escola aqui como uma mina sabe ele adorava essa escola” (SEBASTIÃO MARCOS FERREIRA GOMES, 05/01/2015)¹⁹.

Em uma das orações cedida a nós pela professora Maria de Fátima Rodrigues, ex-professora de português na CNEC São José e moradora do distrito de São José da Mata encontrou o seguinte trecho:

“Senhor, á ti elevemos nossa oração. Nós, pequenos soldados da vida vinemos aqui te louvar por nossa querida Escola Cenecista. Esta, que lutando conseguiu vencer barreiras com ajuda de pessoas que queria ver no futuro os nossos jovens crescerem [...] como o nosso querido Felipe Tiago Gomes, este dizia que a CNEC era a menina dos seus olhos. Que possamos também ver esta como nossa menina que a vinte e quatro anos ocorreu tua tão grande e esperada inauguração.”²⁰

Através de tal excerto observamos o culto à memória do fundador da rede de escolas, como também a influência cristã católica no seio da CNEC São José que daremos destaque mais a frente em nosso trabalho, fiquemos agora com a percepção de que por se tratar de uma comunidade de base rural, onde a maioria dos alunos era proveniente desse meio social, sendo o distrito uma comunidade urbana muito pequena, de certa forma a atuação dos professores em lembrarem aos alunos a figura de Tiago Gomes, estaria ligada a sua trajetória de vida torna-se

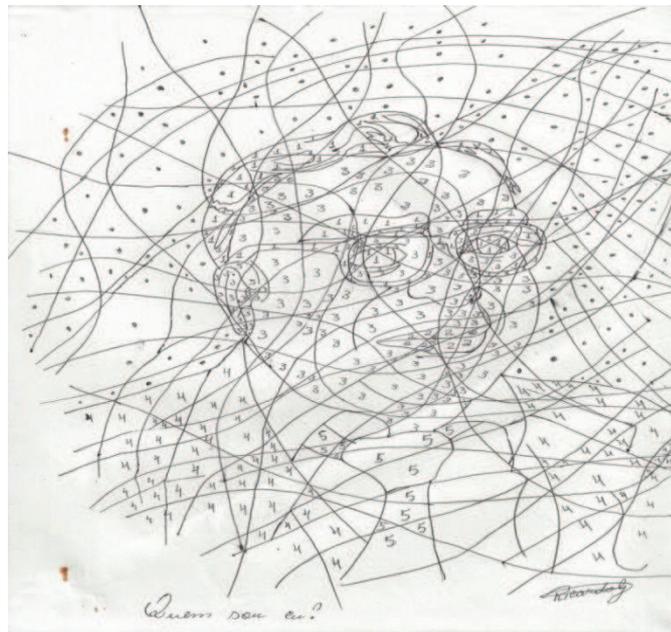
¹⁹ Sebastião Marcos Ferreira Gomes (Allan) é morador de distrito de São José da Mata, trabalhou como professor de educação artística e bibliotecário nos anos de 1988-1992 na escola Cenecista São José.

²⁰ Oração da CNEC São José rezada nas comemorações dos 24 anos da Escola Cenecista São José no ano de 1998.

exemplo e motivação para os jovens do campo que freqüentavam a escola, que a partir de então teriam o testemunho de seu fundador, jovem de “pés descalços e picados por espinhos impiedosos” (GOMES, 1989, p.11), mas que não perdeu a vontade de estudar e lutar contra os obstáculos que a vida lhe impunha, o “verdadeiro espírito cenequista”.

A evocação a vida do pioneiro da campanha, também estava presente no cotidiano da sala de aula, era bastante comum que professores não só de história, mas professores de geografia, português dentre outras disciplinas buscassem em suas aulas trazer á tona a imagem e a representação de Gomes. Em torno dela se criava uma “memória afetiva” como diria Halbwachs (1990), que unia e oferecia um sentimento de identidade e pertencimento a uma história, e não qualquer história, mas a gloriosa história dos jovens estudantes de direito do Recife e o seu entusiasmo pela educação, na crença de que pela educação era possível transformar e salvar vidas.

Figura 2 - Atividade quem sou eu?

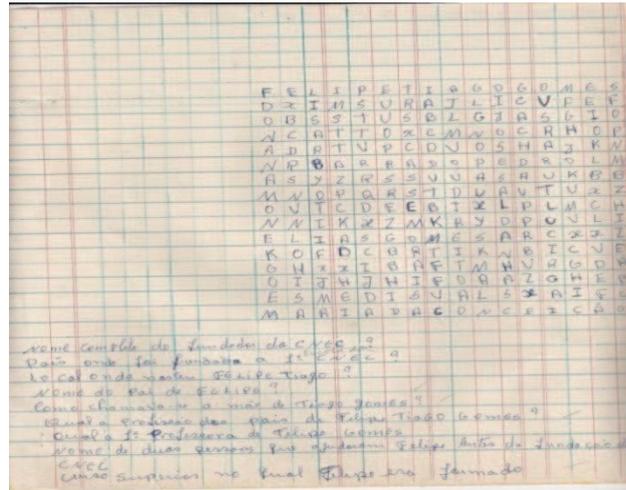


Fonte: Arquivo pessoal de Maria Cecília (1990)

O recurso as atividades também era bastante comum, pois na figura acima observamos a atividade aplicada no 6º ano pela professora Maria Cecília, em que os alunos que estavam ingressando nas primeiras séries do ensino fundamental e, portanto ainda não conheciam a história da CNEC, já eram chamados a se familiarizarem com o rosto de seu fundador, chamado a conhecerem a história da

CNEC, que os levou a se encontrarem nos bancos escolares daquela instituição. Em outras de suas atividades observamos uma palavra cruzada em que os alunos podiam revelar aspectos e acontecimentos na vida de Tiago Gomes, além de poderem ajudá-lo a chegar ao lugar mais importante em sua biografia e pelo qual tanto lutou a escola.

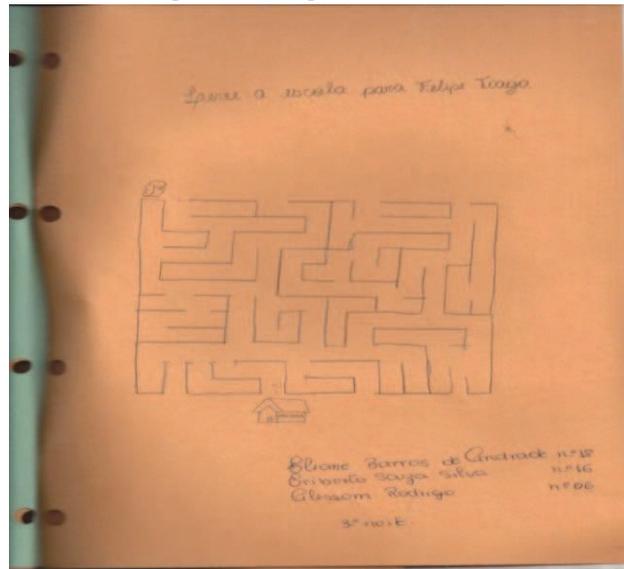
Figura 3 - palavra cruzada sobre a vida de Felipe Tiago Gomes



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Cecília (1990)

Através do exercício elaborado verificamos o esforço em que os alunos possam conhecer a dura luta de Tiago Gomes, filho de agricultores pobres da zona rural de Picuí-PB e sua história de superação, sua vontade de estudar. Há um grande empenho na produção de representações que viabilizem e justifiquem as ações comunitárias pela manutenção da escola, como sendo uma escola que foi fruto de muito luta, muito suor foi derramado para que a CNEC existisse, e quem compor a rede de escolas jamais poderá esquecer-se disso, tal postura era muito forte na Escola Cenecista São José.

Figura 4 - Jogo do Labirinto



Fonte: Acervo Pessoal Maria Cecília (1990)

3.1 A MEMÓRIA DOCENTE E DISCENTE E A ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ, EM MEIO A RELIGIOSIDADE CATÓLICA.

Ao conversar com ex-professores e alunos da escola Cenequista São José, percebemos através do processo de escrita e construção de suas memórias a necessidade de afirmarem o cotidiano dinâmico e a vida escolar agitada que tal escola era detentora. Em grande parte esta natureza dinâmica, ou os tempos áureos da escola serão associados ao período de mais de 20 anos em que a escola esteve sob a gestão seja como diretora, diretora adjunta ou presidente do setor local da Senhora Maria de Araújo Lima²¹ in memória. Para o padre Joseph Christian Marie Joosten²²:

A escola Cenequista sempre no desfile de 7 de setembro era a escola que se preparou melhor, conseguiram todos os instrumentos e tudo o mais, nessa parte Dona Maria foi muito boa, alias Dona Maria foi uma diretora de primeira qualidade ela participava também nos encontros de estudo e aprofundamento que a própria, que a entidade Cenequista realizava aqui na Paraíba e no Nordeste, ela recebeu muitas boas orientações e ela fazia da presença do aluno na escola ser um tempo, assim para ela ter contato pessoal com ela e receber orientações que ia muito além do saber ler e escrever e fazer cálculos não é, de fato foi uma boa diretora no sentido de

²¹ Maria de Araújo Lima trabalhou como secretária no Colégio Estadual da Prata até o ano de 1974, quando por ocasião da fundação da Escola Cenequista São José, foi transferida para a referida escola, para ocupação da mesma função, tornando-se diretora após a gestão do Padre Teodoro Trommelen, ocupando o cargo por mais de 20 anos.

²² Padre Cristiano como é popularmente conhecido detem 85 anos de idade, missionário redentorista da Holanda, mora no Brasil a mais de 51 anos, conheceu a rede CNEC na Bahia, onde atuou na abertura de uma Escola em Bom Jesus da Lapa, ao ser transferido para Campina Grande, pode ser membro atuante na fundação da Escola Cenequista São José e exercer o cargo de presidente do setor local então formado.

conduzir e educar as crianças e tinha lá sempre festas dentro da escola e o sete de setembro era o dia né [...] (JOSEPH CHRISTIAN MARIE JOOSTEN, 15/12/2014).

Deste modo, as atividades desenvolvidas durante o período em que a Escola Cenecista esteve de alguma forma sob a coordenação de Maria Idalino, como era conhecida, serão lembradas como referências de um tempo em que a Escola Cenecista se expandiu e pode torna-se conhecida entre as escolas da rede, chegando a ser vista como uma escola de referência, quanto ao cumprimento dos estatutos e desenvolvimento das propostas pedagógicas da CNEC na Paraíba. Sem dúvida também é possível afirmar que além da figura de Felipe Tiago Gomes, a imagem de Dona Maria será apropriada como um símbolo, um signo associado à história e ao processo de constituição de uma identidade que caracterizaria um professor Cenecista ou um aluno Cenecista.

Da mesma forma que como vimos no tópico anterior à figura do fundador da rede era comumente lembrada em orações, por ocasião de comemorações de aniversários ou outros eventos associados à vida escolar, a figura de Dona Maria também será lembrada como podemos analisar no trecho a seguir:

Pessoas como D. Maria de Araújo e o professor Júlio, enviados por ti para lutar por aqueles que não têm voz o bastante para falar o que sente no meio de uma multidão, onde tu Senhor, que nos guia pelas trevas e numa cruz deste tua vida, se humilhou por amor á nós²³.

De certa forma podemos identificar um processo de cristianização de tais figuras emblemáticas na formação da escola, tendo em vista muitas vezes serem comparadas a Cristo no sentido de que tendo este doado sua vida pela salvação dos pecadores, estes doaram suas vidas pela educação, e pela comunidade escolar que ali se estabelecia. Tal fato é extremamente interessante quando nos remetemos ao contexto de fundação da rede a nível nacional, quando se era evocada a função salvadora que a escola desempenharia para os pequenos e marginalizados, logo na origem do pensamento que da vida a rede está à influência cristã católica e a formação para os valores humanos e da família, algo também presente no cotidiano escolar da escola Cenecista São José, tendo a escola muitas vezes assumido através de seus líderes, um caráter messiânico para a comunidade.

Embora fosse uma escola laica, percebemos claramente a influência da religiosidade nas práticas que compõem a cultura escolar da CNEC São José, não

²³ Oração da CNEC São José rezada nas comemorações dos 24 anos da Escola Cenecista São José no ano de 1998.

podemos deixar de remeter tal fato ao contexto de fundação da escola, em que estiveram presentes os missionários redentoristas, Padres Cristiano e Teodoro, que já há algum tempo atuavam na pequena capela dedicada a São José no distrito. Vimos anteriormente que foram deles a idéia de se criar uma unidade da rede CNEC naquela localidade, em virtude da experiência que o primeiro já possuía desde a fundação da CNEC em Bom Jesus da Lapa na Bahia e o conhecimento da existência de uma unidade da rede no vizinho município de Boa Vista-PB, tais padres já atuavam com uma pequena escola primária do município, que funcionava em uma estrutura anexa a Igreja, denominada escola Municipal São Clemente. Sendo padre Cristiano formador do seminário há época, era comum que os seminaristas atuassem na escola, como o caso do Padre Rômulo Remígio Viana, que durante três anos (1983-1985) foi professor de religião e história na Escola Cenecista São José. Segundo ele ao falar sobre a importância da CNEC na sua vida afirmou:

“Na minha vida teve muita importância porque favoreceu o contato com os alunos como isso era pra mim também uma pastoral porque padre Cristiano era nosso formador, formador dos seminaristas que moravam em Campina Grande então era uma forma da gente se inteirar com as comunidades desses alunos então à medida que agente conhecia os alunos também favorecia que agente fosse na casa deles no sítio deles participasse de alguma atividade na comunidade rural onde eles moravam (RÔMULO REMÍGIO VIANA, 29/12/2014)”.

O espaço da escola também inspirava a religiosidade, ao pé do lance de escadas que oferecia acesso as salas do ensino médio, havia uma imagem de Nossa Senhora Virgem Mãe dos Pobres em uma gruta, no auditório central havia um crucifixo, onde sempre nas solenidades do hino também se rezavam as orações do Pai Nosso e da Ave-Maria. Todavia devemos salientar que esta religiosidade não partia unicamente da figura dos padres, na época não havia igrejas protestantes na comunidade, logo o catolicismo imperava. Desta forma, os membros do setor local e os próprios gestores e professores da escola em sua maioria integravam movimentos como a cruzada eucarística, e grupos de jovens na capela local. Tal fato fica claro no relatório de atividades de 1987, que tinha como uma de suas metas: “a preparação e participação dos pais e dos alunos na missa do primeiro domingo de cada mês”²⁴. Como nos demonstra o depoimento de Eliane Idalino, filha da senhora

²⁴ Relatório de Atividades Escola Cenecista São José – 1987, na Superintendência Estadual em João Pessoa.

Maria Idalino, quando faz referência a influência da religiosidade católica na organização do calendário escolar da instituição:

Veja só nossas festividades elas eram programadas através do calendário, então de praxe se considera aquilo que é sempre bem considerado nas escolas tipo mês de maio, como ela tinha um cunho religioso né, ligado a Igreja Católica até mesmo pela diretora ser católica, não que a CNEC exigia que fosse católica, mas acho que aí a diretora puxava um pouco a sardinha para ela, então nós tínhamos o mês de maio que era muito bonito, junho, a festa de junho nunca foi festa de criança, mas foi festa de família, porque a característica da CNEC nas festas é que era tratado como festa de família ninguém fazia festa para o aluno fazia festa para a família cenecista, hoje eu escuto muita gente dizendo família fulano de tal, família escola tal, a palavra família Cenecista já era utilizada pela escola desde a década de 90, então agente via as festas como uma extensão daquela família que esta na escola (ELIANE DE ARAÚJO LIMA, 08/01/2015).

Portanto tendo consciência de que a história das instituições escolares abrange, além de aspectos normativos, formas de gerenciamento e decisões políticas, periféricas e centrais. É que recorreremos aos depoimentos apresentados no intuito de estudar como os tempos e os espaços foram organizados, quais e de que forma as articulações ocorreram entre os profissionais e os usuários da escola, as modalidades de funcionamento e as relações externas mantidas com a comunidade. Daí ressaltarmos a influência do catolicismo, tendo em vista que os funcionários e alunos da escola em sua maioria eram fiéis da comunidade católica local, tendo tal influência reflexos consideráveis na maioria das festividades e demais eventos que compõem o calendário escolar e que abordaremos nos tópicos seguintes.

3.2 A CULTURA ESCOLAR DA ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ E AS FESTAS ESCOLARES

Eis que a quadra se encontra vazia, no pátio jaz o silêncio, inexistente nos tempos de outrora, o barulho dos risos, os passos que se escutavam nos corredores, os gritos da inspetora, o hino cantado nas segundas antes do início das aulas, o vai e vem das pessoas que se desfez no tempo como que uma nuvem de fumaça, saudosismo? Não, reminiscências trazidas á tona pelas narrativas dos sujeitos nesta pesquisa, entrevistas que nos ajudam a identificar os diversos elementos que constituíam as maneiras de fazer cotidianas (CERTEAU, 2006) dos diversos indivíduos que encenavam inúmeros papéis sociais nas festas e demais eventos escolares promovidos pela CNEC, que atuavam nas intrigas e composições narrativas que faziam a vida escolar daquela unidade educacional e que queremos

refletir de maneira mais específica a partir de agora, tendo a consciência de que tal como as ondas que se lançam sobre as margens da praia e lá deixam inúmeros buracos, se configura a atividade do historiador na atividade de interpretação das lacunas deixadas pela memória.

Ao nos colocarmos diante dos inúmeros depoimentos dos entrevistados para este trabalho observamos que a vida escolar na CNEC São José ia muito além daquilo que se passava na sala de aula, inúmeros eram os eventos e festividades que a escola organizava e sediava durante o ano, desde os eventos próprios da CNEC, como os Jogos escolares Cenecistas, e o concurso de miss Cenecista, até eventos no mês de maio, as festas juninas como já é costume em muitas outras instituições, gincanas, as chamadas feiras de ciências, os desfiles de 7 de setembro, que recebiam grande importância na escola, até as colações de grau; mesmo sendo uma escola rural, de uma localidade pequena, a comunidade escolar fazia questão de ter um calendário repleto. Tal fato contribuiu para ao entrevistarmos ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários enxergamos a imagem de uma escola que nas suas narrativas de memória estava à frente de seu tempo, logo torna-se fundamental antes de abordarmos necessariamente as festas e sua relação com a cultura escolar, percebermos como as diretrizes da CNEC, em termos de congressos, estatutos e orientações pedagógicas influenciavam na organização da vida escolar da CNEC São José.

Para a ex-gestora Eliane Idalino, a CNEC era detentora de um diferencial quanto ao planejamento, ao projeto pedagógico, e quanto à formação de seu corpo profissional, tal postulado favorecia o oferecimento de uma educação de melhor qualidade com relação às outras instituições de ensino da época, e por sua natureza semiprivada, de maior acesso a população:

É eu tenho hoje a escola na época né a escola Cenecista São José como referência até hoje para as escolas de hoje porque muita coisa que era feito na época é o que é feito hoje como inovação então eu acredito que a rede CNEC na verdade que se chama Campanha Nacional de Escolas da Comunidade ela vislumbrava primeiro do que outras redes por ser uma rede diferente uma rede filantrópica ela recebia subsídios do governo e por isso poderia ofertar um ensino mesmo sendo particular um ensino em menor valor mas com o diferencial de um ensino de mais qualidade. (ELIANE DE ARAÚJO LIMA, 08/01/2015)

O que devemos observar é que a inauguração da Escola Cenecista São José ocorreu em um período chave para a instituição a nível nacional, tendo em vista que em sua terceira fase de desenvolvimento buscava ampliação para outros ramos que

não o educacional, ao mesmo tempo em que investia maciçamente em congressos para formação de professores e líderes comunitários locais (GOMES, 1989), era bastante comum os professores da CNEC São José viajarem para os congressos da rede, momentos de formação substanciais para a definição dos objetivos pedagógicos a serem seguidos.

Figura 5 - Congresso de Educação comunitária promovido pela CNEC²⁵



Fonte: Acervo pessoal de Maria Cecília (1999)

Ainda nas palavras da ex-diretora observamos referência aos congressos promovidos pela campanha, no intuito de dar homogeneidade às ações pedagógicas das unidades da rede, para ela estes congressos mais a atividade e trabalho dos gestores locais e suas equipes proporcionava a CNEC grande diferencial. Através desses congressos a Campanha a nível nacional poderia traçar estratégias, definir objetivos de como deveriam encaminhar a vida de suas respectivas unidades, tanto no que diz respeito à prática pedagógica, como nos esforços para própria manutenção das escolas da rede pelo país. Todavia devemos salientar que as ações apresentadas nos congressos da rede, deveriam ser adequadas à realidade de cada comunidade em que estas escolas estivessem inseridas.

A gestora na época que era Maria de Araujo Lima ela propiciava a todos os funcionários principalmente professores a formação continuada que é uma coisa que esta sendo discutida hoje, então nós íamos sempre a congressos fomos congressos no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Fortaleza, Bahia, João Pessoa. Então nós estávamos sempre antenados com os melhores professores do Brasil porque eram congressos nacionais e internacionais e essas informações que agente tinha lá era trazida para a escola e transformada em prática pedagógica, então quando ainda não se discutia proposta pedagógica a CNEC já tinha uma proposta pedagógica, quando não se trabalhava com conselho escolar a escola cenequista já tinha que era o chamado setor local então a gestão era compartilhada e por ser

²⁵ Na segunda fila podemos observar da esquerda para a direita as professoras Maria Cecília e Francisca, sendo a sexta da fila a diretora Maria de Araújo Idalino.

compartilhada a comunidade estava diretamente atuando na escola.
(EALIANE DE ARAÚJO LIMA, 08/01/2015)

O professor de Educação artística Sebastião Marcos Ferreira Gomes, também partilha dessa concepção, pois segundo ele:

Quando alguma coisa nova vinha para gente fazer, assim como base de escola, agente já fazia, já atuava agente sempre era primeiro em alguns, quase todas as atividades, quando tinha alguma coisa do estado da prefeitura, que tinha os convênios federais também, quando vinha alguma coisa dos convênios para ser aplicado lá na escola agente já tinha feito a muito tempo (SEBASTIÃO FERREIRA GOMES, 05/01/2015)

Tais depoimentos contribuem para fortalecer a noção que foi construída em torno da Escola Cenecista São José, como sendo uma escola de vanguarda, que estava à frente das escolas da região e era tida como referência entre as escolas da rede na Paraíba. Talvez tal necessidade de afirmação esteja associada à edificação de uma memória sobre a CNEC São José que deixa clara a grandeza da escola, não dando destaque ou fazendo referências as limitações e falhas que a organização escolar pudesse apresentar. Há uma comunidade afetiva (Halbwachs, 1999), fundada a partir da memória, de uma escola em que os alunos e professores eram dedicados e em que a vida escolar estava marcada pelo zelo quanto ao cumprimento dos princípios estabelecidos pela rede e pela mudança da realidade social do distrito.

A escola é vista como revolucionária²⁶, que pode dar novos rumos a diversas vidas no distrito, que pode oferecer aos seus professores novas discussões no campo pedagógico que contribuíram para o advento e vivência de novas práticas, além disso, a escola é trazida como fundamental para a definição e construção da identidade docente de seus professores, que reconhecem suas práticas e maneiras de ser a partir da escola Cenecista São José.

A gente queria ofertar um ensino de melhor qualidade ao aluno que tinha uma condição menos favorecida para que ele pudesse concorrer com aquele aluno que tem uma condição maior então tudo era mais fácil, planejamento era mais fácil, festa, projeto material os discursos a forma de avaliar nós tivemos alunos no final já na década de 2000, chegavam num é nós tivemos um projeto que não fazia prova, porque aí agente chegou à conclusão que a prova na nossa escola não aprovava nada, então aquele aluno nervoso que estuda, estuda e dá o branco ele precisa da oportunidade de ser avaliado diferente e aí foi quando nós entramos com a discussão das múltiplas inteligências, e com a diretora à frente né ela deu a

²⁶ O termo, revolucionária é trazido aqui no sentido de buscar deixar claro que a escola se configurou enquanto um marco para a história da educação do distrito no sentido do estabelecimento de novas práticas pedagógicas como também possibilitou a inúmeros jovens a possibilidade da escrita de novas histórias de vida.

oportunidade do aluno ser avaliado na música, na dança, no teatro e isso favoreceu a proposta pedagógica da escola, porque o aluno não se via na obrigatoriedade de ter que ser bom em química, física, matemática ou português, história ele via que podia ser bom em algumas disciplinas e ser melhor naquilo que ele já era bom. Então para mim o grande marco hoje eu estou também à frente da educação e sempre digo o grande marco para mim na minha profissão foi poder conviver com essas teorias, com essas discussões não é inteligência emocional afetiva, inteligência múltiplas, discussão da avaliação sistêmica então tudo isso quando eu voltei para a universidade para ser professora eu já tinha essa leitura antes por conta, favorecida pela escola Cenecista. (ELIANE DE ARAÚJO LIMA, 08/01/2015)

Para Michel de Certeau (1995) a escola perdeu o poder cultural, este não está mais localizado em uma escola. Ele penetra em qualquer lar, em qualquer espaço, pela mídia e seus produtos. Portanto o professor vive uma situação de marginalização quanto ao centro da cultura, tendo que se deslocar por suas bordas. Porém ao observamos o contexto de formação e consolidação da Escola Cenecista São José na década de 70 até meados da década de 90 do século XX percebe-se que seus professores se colocam em uma posição em que a Escola ainda ocupa uma posição geoestratégica no sentido da definição de valores para a comunidade discente do distrito, o ideal de família Cenecista será bastante enfatizado nos eventos, comemorações e festividades que marcam a vida da comunidade escolar ali inserida. Há um esforço de que a família viva e habite na escola, que vivam quase que uma espiritualidade Cenecista. Tal fato fica claro na fala da professora Maria Cecília Araújo que ao ser entrevistada, falava-nos sobre as festividades e evento que a escola organizava, e ao citar a chamada Sonequinha, noite em que os alunos iam dormir na escola sob a supervisão de seus professores, colocava os objetivos de tal atividade:

A gente já ia ver como eles se comportavam em quarto, como eles se preparavam para antes do dormir essa coisa toda, já tinham brincado, já tinham feito atividades (MARIA CÉCILIA ARAÚJO, 19/12/2014)

Sem dúvida havia a intenção por parte da escola em ampliar sua esfera de influência para além do cotidiano na sala de aula, mas que pudesse trabalhar a família, assentada nos valores do idealismo Cenecista e no catolicismo, como nos referíamos anteriormente. Havia a necessidade de a escola atuar na modelação do comportamento dos alunos. Através de cursos preparatórios ministrados por algumas professoras da instituição como Maria Idalino, Maria Cecília e Francisca da Silva que ofereciam catequese para o batismo e primeira eucaristia, os alunos

assistiam a catequese na escola, e ao término da preparação a celebração de recebimento do sacramento ocorria na Igreja.

Figura 6 - Turma de catequese da professora Maria Cecília



Fonte: Acervo pessoal de Maria Cecília (1987)

Partindo destes pressupostos, tais premissas tornam-se fundamentais para buscarmos compreender os lugares de memória que permeiam o imaginário daqueles que frequentavam a Escola Cenecista São José a partir das narrativas constituídas em suas entrevistas. Buscando analisar como as festas que a escola comemorava podem ser traduzidas como uma construção social que manifesta, em seu espaço, significações e representações, que favorecem a composição de certa cultura, inerente aos seus atores e que nos facilita entender a identidade sugerida pela compreensão daqueles que as organizaram e as celebravam, acerca dos símbolos que justificaram de modo duradouro na memória social escolar, um sentimento que se propunha ser coletivo pela união dos anseios de seus participantes, como parte do calendário escolar que delimitava um tempo e um espaço peculiar. Sendo as festas na concepção de SOUSA (2000) vistas como ritos de representação do sucesso escolar e ritos de manifestação do imaginário sócio-político daquela comunidade.

O calendário de festas escolares da escola Cenecista São José de acordo com os relatórios de atividades e as entrevistas realizadas com ex-professores, alunos e funcionários da escola abarcava desde as festas próprias da escola, como o aniversário de fundação da rede e fundação da unidade no distrito, muitas vezes

também sendo celebrado o aniversário do fundador da CNEC e dos diretores da escola, como também festas religiosas referentes aos meses de maio e junho, e as comemorações ou datas cívicas, sendo dado grande destaque a semana da pátria e aos desfiles da banda Marcial Professor Elieu Pereira, datas como o dia do estudante e dia do professor também recebiam grande destaque pela comunidade escolar. Tais festas são abarcadas e compreendidas enquanto elementos basilares e fundamentais para a constituição da cultura escolar de tal unidade educacional. No relatório de atividades de 1987 de acordo com o quadro abaixo encontramos a seguinte proposta de calendário de eventos para a escola naquele ano:

Quadro 01- Comemorações e festividades da Escola Cenecista São José em 1987.

Datas de realização	Comemorações	Datas de realização	Cívicas
24/03/87	Aniversário da escola	19/04/1987	Dia do Índio
15/04/87	Páscoa dos alunos e funcionários – 2º Domingo de maio festa das mães.	21/04/1987	Tiradentes e inauguração de Brasília
20/06/1987	Festa Junina	13/05/1987	Abolição dos escravos
29/07/1987	Aniversário da CNEC – 2º Domingo de agosto dia dos pais.	26/07/1987	Morte de João Pessoa
11/08/1987	Dia do Estudante	05/08/1987	Conquista da Paraíba
15/10/1987	Dia do Professor	01-07/09/1987	Semana da Pátria
20/12/1987	Coação de Grau	11/10/1987	Fundação de Campina Grande
		15/11/1987	Proclamação da república

Fonte: Relatório de Atividades (1987)

De maneira geral este calendário permanecerá até o início da década de 90 quando serão acrescentados os Jogos Escolares da CNEC, a Feira de ciências da escola conhecida como FECEC e a amostra de história e geografia – HISTOGEO, que ocorriam como eventos paralelos sem uma data definida, variando de acordo com o planejamento de atividades para aquele ano. A FECEC foi idealizada pela escola tendo por modelo a FETEC (Feira de ciências e tecnologia da Paraíba) era um momento de grande movimentação na escola, cada turma desenvolvia seus projetos, sendo apresentados durante todo o dia para a comunidade e movimentando a população da região de abrangência da instituição. Como a maioria dos projetos estava ligados a área das exatas a HISTOGEO surge como uma forma

de contemplar as ciências humanas. Quanto aos jogos escolares, estes eram vistos como um momento ímpar pela comunidade escolar, como uma forma de deixarem clara a grandeza da Escola Cenecista São José, ao acolherem em sua instituição as diversas unidades Cenecistas espalhadas por todo estado, ficando entranhados na memória escolar do referido estabelecimento.

As festas escolares na Escola Cenecista São José eram realizadas no intuito de acordo com o relatório de atividades de 1983 de promoverem a “adaptação e socialização escolar”²⁷ (Relatório de Atividades, 1983) dos alunos da instituição, dando destaque para o desenvolvimento cognitivo e outras habilidades.

Todavia devemos salientar que pela natureza filantrópica da rede estas festas, muitas vezes promovidas pelo setor local da unidade, visavam obter recursos para o pagamento de funcionários, manutenção de bolsas estudantis, reformas estruturais etc. Como observamos no encerramento do 1º semestre de 1985, no dia 22 de junho, foi realizada uma festa junina com a apresentação de uma quadrilha formada por alunos para a própria comunidade, “tendo o dinheiro arrecadado, empregado no pagamento dos funcionários”²⁸ (Relatório de atividades, 1985), visto que o dinheiro que deveria ser autorizado através de um convênio com a prefeitura do município ainda não havia sido liberado.

Nas metas de atividades para o ano de 1987 também encontramos o contíguo: “promover festas juninas com fim de arrecadar fundos para continuar a construção de nossa escola” (Relatório de atividades, 1987). Ao analisarmos tal finalidade associada às festas realizadas pela escola, percebemos que funcionavam como um mecanismo de resistência por parte da comunidade escolar no sentido de que nesta época, já havia uma forte pressão pelos mecanismos institucionais da CNEC a nível nacional para que a Campanha adquirisse o status de empresa, acabando com o sistema de bolsas e a filantropia, todavia identificamos que a comunidade escolar da Escola Cenecista São José se mantinha reticente quanto a adotar tais medidas, na visão de seus gestores era se afastar dos ideais do fundador da rede, ao mesmo tempo em que as festas se configuravam enquanto elemento

²⁷ Relatório de atividades Escola Cenecista São José – 1983, Superintendência Estadual em João Pessoa.

²⁸ Relatório de atividades Escola Cenecista São José – 1985, Superintendência Estadual em João Pessoa.

que auxiliava no contorno da crise financeira que a unidade começava a atravessar e impedia que os alunos bolsistas deixassem de fazer parte da instituição.

Tal fato fica claro em relatório do ano de 1994 quando a instituição recebeu no mês de dezembro a visita do fundador da rede o professor Felipe Tiago Gomes, da Superintendente Estadual a professora Francisca de Arruda Ramalho, e do presidente nacional da CNEC na época o professor Berilo Borbia, que fez explanação sobre a necessidade das unidades da rede funcionar sobre o prisma empresarial, acabando com a gratuidade e o sistema de bolsas, segundo o relatório a gestora Maria de Araujo Lima se colocou contra afirmando que: “cada escola tem sua própria identidade e cada um deve fazer o possível para que sua escola funcione, sem fazer fugir do ideal de seu fundador”²⁹ (Relatório de atividades, 1994).

Portanto para além da socialização das famílias na escola e de novas metodologias de ensino e aprendizagens para os alunos e professores as festas também adquiriram um caráter político, de deixar claro quais os objetivos e finalidades do funcionamento da escola na comunidade. A festa escolar pode dessa forma, ser apreendida em seu duplo caráter político e pedagógico e como um dos componentes essenciais da cultura escolar (SOUSA, 1998).

Sabemos que as festas escolares permitem a interação não apenas de estudantes, mas de toda a comunidade que é trazida para o espaço escolar nesses momentos em que se revelam práticas. É através dessas práticas que podemos perceber a cultura, todavia para que haja cultura, não basta apenas reproduzirmos práticas, é fundamental que tais práticas assumam significação para aqueles que as realizam (Certeau, 2008). Dessa forma queremos buscar perceber como tais eventos estão associados a um processo de constituição da identidade dos membros que formavam a comunidade escolar da CNEC São José.

Entre as festividades da escola, sem dúvida alguma, as que mais se destacavam dizem respeito às festas juninas, as comemorações da independência em setembro, as colações de grau no final do ano letivo e as comemorações referentes ao aniversário de fundação da unidade. Em relatório de 1986 encontramos que em comemoração a semana da pátria houve desfile cívico, palestras e cânticos com execução diária do hino nacional durante toda a semana (Relatório de atividades, 1986). Em relatório do ano anterior observamos que a

²⁹ Relatório de atividades da Escola Cenecista São José – 1994, Superintendência Estadual em João Pessoa.

semana da pátria também foi comemorada com um belo desfile cívico, “onde a escola Cenecista foi bastante aplaudida, por causa de sua banda marcial, que se apresentou muito bem” (Relatório de atividades, 1985). Tendo ocorrido durante toda semana palestras sobre o tema da independência.

Figura 7 - Desfile Cívico, 07 de setembro de 1985



Fonte: Acervo pessoal de Allan Ferreira Gomes (1985)

Ao conversarmos com ex-professores e ex-alunos estes são bem fortes em suas narrativas as comemorações cívicas e desfiles na Escola Cenecista São José, sempre buscando deixar claro que a escola era a mais aplaudida e que as pessoas esperavam ansiosa para assistirem as evoluções da Banda Marcial professor Elieú Pereira da Silva. Era bastante comum serem noticiados nos jornais da época, os desfiles no distrito, sempre dando destaque as festividades promovidas pela escola. Como vemos nesta manchete do Jornal da Paraíba:

O distrito de São José da Mata comemorou no último domingo, a semana da pátria, cuja programação contou de desfile cívico e a realização do segundo encontro de bandas marciais. A abertura do evento foi feita com o desfile da Filarmônica Epitácio Pessoa, e do grupo de escoteiro Força Jovem, num espetáculo bastante aplaudido. A Escola Cenecista de São José da Mata desfilou com o tema de apresentação sendo “53 anos do CNEC no Brasil – Dando um exemplo de Educação Comunitária” e já tem presença confirmada no desfile de 7 de setembro em Campina Grande [...] (JORNAL DA PARAÍBA, 04/09/1996, s/p.)

Deste modo, devemos observar que muitas vezes tal postura associada às festividades escolares se deve a compreensão dos professores no sentido de demonstrarem o avanço escolar, o desenvolvimento dos seus alunos e para afirmarem suas identidades, já para eles às comemorações poderiam ser

consideradas momentos muito especiais, nos quais eram, participantes ativos, os co-responsáveis pelo seu sucesso.

O calendário festivo da Escola Cenecista São José também contemplava comemorações como o mês de maio, em parte reflexo da influência da religiosidade católica na instituição, quando a escola assumia várias noites como noiteiro no novenário celebrado na capela; festa do dia das mães onde havia a celebração de missas em ação de graças, cânticos e poesias apresentadas pelos alunos, dentro das festividades do mês, também era comum a realização do concurso da mais bela flor de maio, em que se elegia a candidata que obtivesse maiores recursos para a escola; no trabalho com a comunidade era comum a realização de bingos, rifas e demais iniciativas que possibilitassem o levantamento de fundos para a candidata no concurso, sendo o capital arrecadado revertido para a manutenção da escola.

No mês de junho as festas dedicadas aos santos juninos eram destaque, principalmente o dia de Santo Antônio, em que ocorria a chamada Aula-extra Santo Antônio, era organizada uma procissão com a imagem do santo pelos próprios alunos e uma amostra cultural com comidas típicas, danças e elementos da cultura tradicional nordestina, a Aula-extra Santo Antônio³⁰, foi uma iniciativa do professor Sebastião Marcos, conhecido popularmente como Allan, que era devoto do santo.

Após ser realizada uma procissão, com direito a cânticos e orações, que geralmente saía da residência da senhora Josefa Simões, e se dirigia a escola na mesma rua, era realizada uma amostra cultural pelos próprios alunos com apresentação de danças e oferecimento de comidas típicas para os visitantes. Nos estandes, os alunos abordavam um pouco da história das tradições juninas. Tal festa é mais um elemento que deixa claro a influência da tradição católica na organização pedagógica da escola analisada em nosso trabalho.

³⁰ A Aula-extra Santo Antônio continua a ser realizada até os dias atuais, todos os anos no dia 12 de junho é celebrada uma novena dedicada ao santo na residência do professor Sebastião Marcos, que era o organizador da festividade nos tempos em que a Escola Cenecista esteve em atividade no distrito.

Figura 8 - Aula-extra Santo Antônio

**ATIVIDADES CULTURAIS, SOCIAIS, RELIGIOSAS,
ENTRETENIMENTOS, REALIZADAS PELA CIA – TEMA**

ANO: 1989

ASSUNTO: APRESENTAÇÃO CULTURAL NA
ESC. CENECISTA - ALUSIVA A AULA-EXTRA- STº
ANTÔNIO.



Fonte: acervo pessoal de Alan Ferreira Gomes (1989)

Tais festas eram realizadas em datas previstas todos os anos, e assim puderam contribuir para a percepção e afirmação de um ciclo de vida inerente á escola, além de serem muitas vezes compreendidas a partir da realidade educacional do distrito como uma novidade educacional que fazia com que a Escola Cenecista São José se destacasse entre as escolas da comunidade como uma escola “moderna” ³¹, em que a educação de fato acontecia. Percebendo as festas escolares como elementos fundamentais das instituições de ensino no processo de constituição de um ideal de escola. (CÂNDIDO, 2005)

Festas escolares também podem ser erguidas enquanto espaços de produção de representações, lugares de memória, de lembranças e esquecimentos em que a memória escolar pratica seus usos e abusos com relação ao processo de escrita da história da escola. Isto fica bem claro ao observarmos as comemorações dos 10 anos da Escola Cenecista São José em 1984, segundo o relatório³² de atividades daquele ano celebrou-se uma missa em ação de graças, bem como a realização de jogos, desfile cívico, além de almoço e jantar de confraternização com

³¹ Trazemos o termo em aspas no intuito de deixar claro que se trata de uma opinião presente na maioria das entrevistas por nós realizadas para o desenvolvimento deste trabalho.

³² Relatório de Atividades da Escola Cenecista São José – 1984, Superintendência estadual da CNEC em João Pessoa.

a direção, professores, funcionários e convidados. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1984)

Estiveram presentes ao ato de comemoração dos 10 anos de fundação da Escola Cenecista São José: o fundador da CNEC, o professor Felipe Tiago Gomes, Maria de Fátima Camelo, ex-superintendente estadual da CNEC, o general Job Santana, comandante do batalhão de engenharia sediado na capital, e sua esposa a professora Umbelina Santana, o vereador Márcio Rocha que na época exercia grande influência no distrito e os demais convidados que participaram da comissão de fundação da escola: o representante de Evaldo Gonçalves, Genésio Soares, Geraldo Alves, Maria Lima de Araújo, Maria Cecília Araújo, ex-professores, alunos e funcionários. Através dos eventos havia uma clara tentativa de oficializar a memória da fundação da escola, dando destaque aqueles que estiveram à frente da comissão de sócios que começou a se articular em fevereiro de 1974, sendo a festa uma prática significativa da escola, fazendo parte de uma cultura própria desta. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1984)

Outro acontecimento bastante esperado por todos aqueles que faziam a Escola Cenecista São José eram os jogos escolares Cenecistas. À unidade do distrito por vezes sediou a competição que reunia todas as escolas da rede a nível estadual, chegando a receber mais de 300 desportistas que passavam a semana em disputas de várias modalidades na escola, os jogos escolares eram uma oportunidade dos alunos e professores colocarem em prática os valores e ideais pregados pela CNEC, sendo um importante elemento da cultura escolar no estabelecimento de uma identidade Cenecista. Nestes eventos era bastante comum a participação de inúmeras autoridades, principalmente políticos que muitas vezes ao patrocinarem tais iniciativas não deixavam de enxergar a oportunidade de um bom capital de votos. Daí nas festividades da escola sempre constatarmos a presença de autoridades dos poderes públicos, segundo o ex-aluno João Tavares, ao observar tal aspecto:

Se começou a trazer algumas lideranças da política de Campina Grande que era de São José da Mata, mas para poder participar de solenidades tipos festas de colação de grau aí passou a se cobrar mais e aí se passou a integrar mais a comunidade pelo menos no sentido de cobrança não é porque aí já que o serviço sempre foi uma carência pelo menos passaram a tomar mais conhecimento e tinham assim eram vereadores, vice-prefeitos e até prefeitos participavam na época dessas colações de grau de eventos como o próprio sete de setembro fez com que a população pudesse cobrar mais direto essas pessoas (JOÃO TAVARES DE LIMA, 29/12/2014)

Ressaltamos que não podemos perder de vista a noção da festa escolar enquanto um espaço de disputa de micro poderes, de relações de poder e saber (Foucault, 2012) e que será palco para inúmeros usos e práticas, bricolagens e apropriações (Certeau, 2008) por parte daqueles que dela participam, desde o aluno que se aproveita da festa para conseguir uma nova paquera, do professor que visa se promover através de alguma participação na organização do evento ou até do político que enxerga o momento como fundamental para construção da sua imagem e essencial para a aquisição de votos no pleito vindouro, apropriação por parte da comunidade que como homens infames (FOUCAULT, 1977) compreendem a oportunidade de chamar a atenção dos poderes públicos para suas questões.

Figura 9 - Abertura dos Jogos Escolares Cenevistas 1991³³



Fonte: Acervo pessoal de Josefa da Conceição (1991)

Outra festividade que geralmente encerrava o ano letivo na Escola Cenevista São José eram as refeições de grau, desde o ensino infantil, chamada de doutores do ABC, até as refeições de grau do ensino médio com o tradicional baile dos formandos. Tais solenidades repercutem na memória da vida escolar de ex-professores e ex-alunos que sempre relembram tais momentos com saudosismo, marcando tais festividades enquanto espaços de pertencimento e constituição da identidade.

³³ Na mesa das autoridades podemos observar da direita para a esquerda a senhora Francisca Arruda Ramalho, superintendente da CNEC, a senhora Maria de Araújo Lima, gestora da unidade, o vereador Evilásio Junqueira na época, e o atual prefeito de Campina Grande, vereador na época, Romero Rodrigues.

Através das festas a escola afirmava ter cumprido seu projeto pedagógico em mais um ano, marcavam para a comunidade um rito de passagem de seus alunos, que eram chamados de acordo com os ideais da falange cenecista a desbravarem novos horizontes, tal postura é bastante presente nas falas dos participantes de tais momentos. A festa surge assim como um elemento específico da organização do calendário escolar da instituição (GALLEGO, 2003), atingindo a diversas finalidades de acordo com o tempo e conjuntura histórica em que está inserida, assumindo inúmeras significações.

A festa escolar, assim como a concepção de cultura escolar formulada por Dominique Julia (2001, p.10), pode ser compreendida através do conjunto de normas que definem os conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, estabelecidas oficialmente nos regulamentos, leis e decretos que regulam o ensino; e de práticas que permitiram a transmissão desses conhecimentos e incorporação desses comportamentos no âmbito escolar.

Dessa forma compreendemos que de maneira geral as festas também estavam ligadas a lógica do poder disciplinar, inseridas muitas vezes em uma dialética do controle dos gestos e vontades, as festanças realizadas pela escola trazem histórias diferentes, turmas diferentes, de memórias de experiências particulares, permeadas por risos, flertes e namoros, danças, penteados que marcavam a passagem dos anos na vida dos alunos.

Esses eventos que aconteciam em um espaço diferente, das festas celebradas pelos alunos no âmbito familiar, assumiam diversas significações, gestadas a partir dos tempos e da ordem do controle escolar. Todavia também poderiam se configurar enquanto momentos de descontração simbolizavam a espontaneidade, oportunidade de improviso, das micro liberdades, num cotidiano norteado pelas regulações, poderiam assumir a configuração cultural de rompimento com os dispositivos de vigilância, eram momentos diferentes fora da lógica normativa da sala de aula. Ocasões em que embora fosse se fazer no teatro de encenações, reverências a disciplina, também poderiam assumir a tessitura de oportunidades de quebra dos padrões estabelecidos e alternativas de fuga na lógica da disciplina escolar. Tempos em que os alunos poderiam gerar o desejo de liberdade, assim como desenvolver os sentimentos da família, as amizades e o orgulho de terem sido alunos Cenecistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um trabalho acadêmico é fundamental o distanciamento do objeto para que melhor se possa entendê-lo sem laureá-lo ou denegri-lo, neutralizando os excessos e empatia do autor para com seu objeto de estudo, foi partindo deste princípio que tentamo-nos deter sobre o processo de criação e consolidação da Escola Cenecista São José em São José da Mata. Buscando entender como se deu esse processo de popularização do ensino secundário no distrito, tendo em vista que no período anterior a fundação da escola naquela comunidade, os alunos deveriam ou repetir o primário para não pararem de estudar, ou simplesmente retornarem para o trabalho na lavoura, que era à base de subsistência da maioria das famílias daquela localidade. Poucos eram os que detinham condições de cursarem o estudo secundário em Campina Grande, geralmente no Colégio Estadual da Prata, no Alfredo Dantas, ou nas Damas, como também no Estadual de Bodocongó.

Portanto nossa pesquisa girou em torno da educação Cenecista e sua influência para as transformações e para a alteração de perspectivas de muitos alunos, que de outra forma teriam somente concluído o primário, tendo uma formação de pouca valorização do saber proveniente da escola.

Compreendemos a CNEC como uma alternativa educacional para aquelas comunidades que se viam abandonadas pelos poderes públicos, tendo tais poderes, muitas vezes visto nesta entidade a oportunidade de promoção pessoal e barateamento dos custos educacionais. Não faltando interesses políticos e financeiros na fundação de novas unidades da rede. Todavia não podemos perder de vista que funcionando em prédios, já construídos para o ensino primário, como no caso do grupo escolar do estado, já existente em São José da Mata e que em horário inverso recebia as atividades da CNEC São José, e cobrando apenas uma taxa simbólica dos alunos. Depois a buscar recursos para a construção de sede própria junto à própria comunidade, eximindo o estado da urgência de construir novas escolas, tornou-se uma importante via educacional para a população estudantil que a cada ano crescia no distrito.

Felipe Tiago Gomes acreditava que uma escola devia ser amada pelos seus alunos. Parece que conseguiu concretizar esse sonho, através das entrevistas podemos observar uma identidade, um “espírito cenecista” naqueles que de certa

forma estiveram envolvidos na história da instituição, seja aluno, professor, ou funcionário, há um forte saudosismo nas narrativas por nós analisadas; com um misto de revolta e insatisfação pelo fechamento da instituição. Na concepção dos entrevistados a escola foi um verdadeiro marco para a vida social de São José da Mata, ela facilitou o acesso aos transportes, trouxe um olhar mais atento das autoridades públicas para a comunidade, embora este olhar estivesse sempre associado à aquisição de capital eleitoral; a escola pode criar espaços de sociabilidade e lazer antes inexistentes.

As festas promovidas pela escola geravam expectativa e movimentavam a comunidade, permanecem vivas nas lembranças e lugares de memória instituídos por aqueles que experienciaram os anos áureos da CNEC São José. Havia uma forte defesa dos valores cristãos católicos e da família, como também uma exaltação dos valores cívicos e exaltação da chamada falange Cenecista, algo ainda presente nos discursos dos entrevistados, o que mostra um verdadeiro processo de constituição de uma identidade dita cenecista entre o corpo escolar da unidade.

A escola que semelhante a muitas outras CNEC's espalhadas pelo país foi fruto da idealização dos segmentos da comunidade liderados pelo pároco local, que visavam melhorias nas condições de ensino do lugar, assistiu ao crescimento e complexificação de suas estruturas administrativas, tendo gradativamente assumido o modelo de uma escola privada, principalmente quando passou a concorrer com a Escola estadual criada no distrito que passou a captar os alunos da Escola Cenecista São José. Mas em hipótese alguma podemos relegar as contribuições que a Escola Cenecista ofereceu a São José da Mata no sentido da democratização do ensino, de oferecer novas oportunidades para uma juventude muitas vezes sem perspectivas, e por sua cultura escolar produzida, sendo uma experiência peculiar na história da educação de Campina Grande.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisco Ari de. A escrita escolar de si e a memória do liceu do Ceará contada por quem viveu. **Instituições Escolares e Escolarização no Nordeste.** (Orgs.) Antônio Carlos Ferreira Pinheiro e Maria das Graças de Loiola Madeira. São Luís: EDUFMA, 2011. (p.175-194)

BUFFA, Ester. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica.** (Orgs.) Maria Isabel Moura Nascimento... [et al.] Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007. (p.151-164)

BLOCH, Marc. **A apologia da História ou o ofício do historiador.** Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro, RJ: Editora Zahar, 2002. (p.15-34)

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Traduzido por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. A Operação Historiográfica. **A escrita da História.** Traduzido por Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forence Universitário, 2010. (p.65-119)

_____. A cultura e a escola. **A cultura no plural.** Traduzido por Enid Abreu Dobránsky. Campinas, SP: Papirus, 1995. (p.123-143)

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Á beira da falésia: a História entre incertezas e inquietude.** Traduzido por Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (p.61-79)

_____. Estratégias e táticas. De Certeau e as artes de fazer. **Á beira da falésia: a História entre incertezas e inquietude.** Traduzido por Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. (p.151-161)

_____. **A história cultural entre práticas e representações.** Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Portugal: DIFEL, 2002.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória a problemática da pesquisa.** Passo Fundo: UPF, 2004. (p.19-31)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** Traduzido por Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1978.

GOMES, Felipe Tiago. **Escolas da Comunidade.** Brasília: CNEC Edições, 1989.

GONZÁLEZ, Jorge Luis Cammarano. Instituições Escolares: Práticas. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Orgs. Maria Isabel Moura Nascimento... [et al.] Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007. (p.177-192)

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Traduzido por Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Antonio Viñao Frago: a crítica da educação como crítica cultural. **Memória, história e escolarização**. (Orgs.) Tereza Cristina Rego [et al.] Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (p.93-124)

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº3, 1989.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Instituições Escolares e Sujeitos na História da Educação. Escritos de História da Educação: Brasil e Portugal**. (Orgs.) César Augusto Castro [et al.] São Luís: Café e Lápis, 2012. (p.171-200)

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral possibilidades e procedimentos**. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. (p.39-83)

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: Temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014.

Consultas na internet:

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. **História das mulheres, história de vida de professoras: elementos para pensar a docência**. Educar em Revista. Editora UFPR: Curitiba, 2014. (p. 295-310) Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/37341> Acesso em: Mar. 2015.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. PEREIRA, Ana Paula Martins. História, cultura e sociabilidades: representações e imagens das Festas escolares - Curitiba, 1903 - 1971. Disponível em: [http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/346Marcus%20Levy e AnaPaula Pereira.pdf](http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/346Marcus%20Levy%20e%20AnaPaula%20Pereira.pdf) Acesso em: Mar. 2015.

CARVALHO, Alessandra Aparecida de. **A constituição da educação básica no Brasil: os modos de conceber e praticar a cultura escolar no século xx**. Cadernos de História da Educação, 2012. (p.701-706) Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21700> Acesso em: Dez. 2014.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. Novos Discursos, velhos problemas: Planejamento em Campina Grande-PB (1970-2005). Alpharrabios, Revista do Curso de História. Vol. 2 – nº 1. EDUEPB: Campina Grande, 2008. Disponível em: <http://eduep.uepb.edu.br/alpharrabios/v2-n1/v2n1.html> Acesso em Jun. 2015. Acesso em: Jun. 2015.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da Escola: As festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930)**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/.../DissertacaoRenataMarcilio.pdf Acesso em: Mar. 2015.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. GALLEGO, Rita de Cássia. **Engendrar tempos e identidades: as festas no calendário escolar e suas implicações para a organização do trabalho dos professores (1890-1930)**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Renata%20Marcilio%20Candido%20e%20Rita%20de%20Cassia%20Gallego%20-%20Texto.pdf> Acesso: Mar. 2015.

FERRER, Silvaniza Maria Vieira. **A Campanha Nacional das Escolas da Comunidade – CNEC e o entusiasmo pela Educação Ginásial no Ceará no período de 1958-1963**. Dissertação de Mestrado. Biblioteca de ciências humanas da UFC: Fortaleza, 2010. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35111/1/2010_DIS_SIMVIFERRER.pdf Acesso em: Dez. 2014.

FERNANDES, Silvana Torquato. **Modernização em Campina Grande nas páginas do Diário da Borborema**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História: São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849117_ARQUIVO_TrabalhoAnpuhSP2011.pdf Acesso em: Jun. 2015.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. GONÇALVES, Irlen Antônio. [et al.] **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira**. Educação e Pesquisa: São Paulo, 2004 (p. 139-159) Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf> Acesso em: Fev. 2015.

GÓMEZ, Antonio Castillo. **Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares**. Educação, Porto Alegre, 2012. (p. 66-72) Disponível em: <<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10366>>> Acesso em: Jan. 2015.

GÁTTI JÚNIOR, Décio. **Apontamentos sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares**. Cadernos de História da Educação, 2002. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/302> Acesso em: Fev. 2015.

JULIA, Dominique. **A cultura Escolar como objeto histórico**. Traduzido por Gizele de Souza. Revista brasileira de história da educação n°1 jan./jun. 2001. Disponível em: www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/download/273/281 Acesso em: Jan. 2015

MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck. **A história, a memória e as instituições escolares: uma relação necessária**. Cadernos de História da Educação, 2012.

(p.243-256) Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/17540>
Acesso em: Fev. 2015.

NÓVOA, António. **Para uma análise das instituições escolares.** Disponível em: http://debauru.edunet.sp.gov.br/pages_arquivos/not%C3%ADcias/ot_novembro/NovoaAvalia%C3%A7ao_Institucional.pdf Acesso em: Jan. 2015.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História.** A problemática dos lugares. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1981. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf> Acesso em: Dez. 2014.

SAVIANI, Dermeval. **Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas.** Cadernos de História da Educação, 2005. (p.27-33) Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/382> Acesso em: Mar. 2015.

SILVA, João Batista da. **A trajetória das Escolas da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC no Piauí: 1952-1997.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Mestrado em Educação, 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/dissertacao/2010/joao_batista.pdf Acesso em: Jan. 2015.

SANFELICE, José Luíz. **História e historiografia de instituições escolares.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, 2009. (p. 192-200) Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/35/art13_35.pdf Acesso em: Dez. 2014.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa.** Educar. Editora UFPR: Curitiba, 2006. (p. 201-216) Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/view/7620> Acesso em: Dez. 2014.

SILVA, Ronalda Barreto. FONSECA, Daisy da Costa Lima. **A atuação da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC na educação baiana (1953-1964).** Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0745.pdf> Acesso em: Mar. 2015.

SILVA, Ronalda Barreto. **Educação comunitária: além do estado e do mercado? A experiência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC (1985-1998)** Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218847> Acesso em: Mar. 2015.

VIDAL, Diana Gonçalves. **No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. Currículo sem Fronteiras,** 2009. (p.25-41) Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1articles/2-vidal.pdf> Acesso em: Jan. 2015.

VINCENT, Guy. LAHIRE, Bernard [et al.] **Sobre a História e a teoria da forma escolar**. Educação em Revista: Belo Horizonte, 2001. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n33/n33a02.pdf> Acesso em: Fev. 2015.

VALDEMARIN, Vera Teresa. SOUSA, Rosa Fátima de. **Apresentação**. Cadernos Cedes, 2000. (p.05-09) Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/5340086/cartilha-de-alfabetizacao-e-cultura-escolar> Acesso: Fev. 2015.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá. **Espaço Escolar e História das Instituições escolares**. Diálogo Educ.: Curitiba, 2007. (p. 147-163) Disponível em: <http://pt.slideshare.net/MarianaBauer/espao-escolar-e-historia-das-instituies-escolares> Acesso em: Fev. 2015.

APÊNDICE

LISTA DE ENTREVISTAS

Eliana de Araújo Lima _ 49 anos

Maria Cecília Araújo – 71 anos.

Maria do Socorro Diniz Elói – 55 anos.

Maria José Rodrigues – 64 anos.

Josefa da Conceição – 62 anos.

Joseph Cristian Marie Joosten (Padre Cristiano) – 71 anos.

João Tavares de Lima – 51 anos.

Rômulo Remígio Viana – 51 anos.

Sebastião Marcos Ferreira Gomes (Allan) – 57 anos.

ROTEIRO DE QUESTINÁRIO NAS ENTREVISTAS

Nome:

Idade:

Escolaridade:

01 Há quanto tempo mora em Campina Grande?

02 Em que período atuou junto a Escola Cenecista São José?

03 O que sabe sobre a História da Escola Cenecista São José?

04 Como era esta escola quando você nela atuou?

05 Como era o distrito de São José da Mata no período em que o senhor (a) atuou na CNEC?

06 Como as atividades da escola eram organizadas no período em que você estava atuando na escola?

07 Para o senhor (a) qual a importância do CNEC para São José da Mata e para a História da educação em Campina Grande?

08 Como era organizado o corpo docente e qual a relação com a diretoria da escola no período?

09 Quem eram os alunos do CNEC do período? Eram oriundos da zona rural, urbana do distrito?

10 Como eram as reuniões e quem as organizavam, o que se discutia nessas reuniões?

11 Como eram as festividades da escola em que período ocorria e qual sua participação nas festividades?

12 O que o CNEC representou na sua vida?

13 Em sua opinião, qual a importância da CNEC para o distrito de São José da Mata?

14 Quais as suas lembranças da CNEC no período em que você atuou nesta escola?

15 Quem eram os professores do CNEC no período em que atuou como funcionário na escola?

QUESTÕES INCLUÍDAS NA ENTREVISTA REALIZADA COM OS PROFESSORES

1. Qual disciplina você atuava?
2. Qual o ano em que ingressou na escola e qual o ano de sua aposentadoria da escola?
3. Como era o cotidiano da escola no período em que atuou?
4. Como eram os alunos da escola e de onde eram oriundos?
5. Como eram organizadas e planejadas suas aulas?
6. Como eram as reuniões entre o professor e a diretoria e o que se discutia?
7. Como eram organizadas as disciplinas por professor?
8. O que foi ser professor do CNEC?
9. O que o CNEC representou na sua vida?
10. Quais as dificuldades que os alunos apresentavam em sala de aula e como eram planejadas suas aulas?
11. Que festividades da escola você participou e qual o papel dos alunos nessas atividades? Qual o período de tais festividades?
12. Na História de sua vida que memória você guarda da escola Cenecista?

